

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PLANEJAMENTO URBANO

*A ANÁLISE DA TRANSFORMAÇÃO URBANA
DO BAIRRO COROA DO MEIO MEDIANTE
TEORIA DA SINTAXE ESPACIAL -
ARACAJU/SE*

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Sheilla Costa dos Santos
Orientador: Prof. Dr. Frederico de Holanda

BRASÍLIA, 11 DE NOVEMBRO DE 2009.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PLANEJAMENTO URBANO

*A ANÁLISE DA TRANSFORMAÇÃO URBANA DO BAIRRO
COROA DO MEIO MEDIANTE TEORIA DA SINTAXE ESPACIAL -
ARACAJU/SE*

SHEILLA COSTA DOS SANTOS

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado por:

Prof. Dr. Frederico de Holanda
(Orientador)

Profa. Dra. Raquel Naves Blumenschein
Examinador Interno

Prof. Dr. Neio Campos
Examinador Externo

Brasília, 11 de novembro de 2009

[Ficha Catalográfica]

SANTOS, Sheilla Costa

A Análise Da Transformação Urbana Do Bairro Coroa Do Meio Mediante Teoria Da Sintaxe Espacial - Aracaju/Se. 136 pag. (UNB_PPG/FAU, Mestre, Arquitetura e Urbanismo, 2009).

Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

1. Planejamento Urbano
2. Sintaxe Espacial
3. Bairro Coroa do Meio

I. UNB-PPG/FAU

II. Título (Série)

É permitida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias dessa dissertação ou emprestar ou vender em tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte dessa dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem autorização por escrito do autor.

Sheilla Costa dos Santos

Agradecimentos:

Sobre todas as coisas, DEUS.

Ao Professor Doutor Frederico de Holanda, orientador da dissertação, agradeço o apoio, a partilha do saber e as valiosas contribuições para o trabalho. Acima de tudo, obrigada por continuar a acompanhar-me nessa jornada e por estimular o meu interesse pelo conhecimento e pela vida académica.

Ao Prof. Dr. Neio Campos, Profa. Dra. Raquel Naves Blumenschein por aceitarem participar da Banca de Defesa deste Trabalho, proporcionando discussões e sugestões que servirão para crescimento, aprendizado e incentivo à pesquisa.

Sou muito grata a todos os meus familiares pelo incentivo recebido ao longo destes anos, em especial o meu Pai, in memória, porém sua presença permanece do meu lado a todo o momento.

Ao Colega Valério Medeiros pelo auxílio na busca de levantamento de dados.

Ao meu Estado de Sergipe, através da Secretária de Planeamento Prof^a. Dr. Maria Lúcia Oliveira Falcón, pelo apoio e incentivo.

O meu profundo e sentido agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a concretização dessa dissertação, estimulando-me intelectual e emocionalmente.

*“A única coisa certa no planejamento
é que as coisas nunca ocorrem
como foram planejadas.”*

(Lucio Costa)

RESUMO

A presente dissertação objetiva contribuir para a discussão a respeito das relações entre a configuração espacial e segregação socioeconômica, frente aos novos conceitos de desenvolvimento.

Através da Teoria da Sintaxe Espacial, são abordadas dimensões morfológicas do espaço urbano de Aracaju, com ênfase na transformação urbanística ocorrida no Bairro Coroa do Meio.

A teoria sintática mostra-se como uma ferramenta para análise do espaço urbano, ao possibilitar que atributos relacionados à sua configuração morfológica sejam graficamente visualizados, proporcionando informações que revelam a lógica social da cidade.

A intenção é mostrar como o espaço urbano interfere nos modos de convívio social do indivíduo e sua interação com outras pessoas, e como sua inversão é uma afirmação verdadeira.

Com os resultados destas interferências, chegou-se a resultados que demonstram os efeitos sociais esperados e os efeitos sociais conseguidos, por meio das intervenções arquitetônicas realizadas pelo projeto de Transformação Urbana executadas no Bairro Coroa do Meio.

Palavras-chave: Planejamento Urbano, Sintaxe Espacial, Bairro Coroa do

Meio.

ABSTRACT

To present dissertation it aims at to contribute for the discussion regarding the relationships between the space configuration and socioeconomic segregation, front to the new development concepts.

Through the Theory of the Space Syntax, morphologic dimensions of the urban space of Aracaju will be approached, with emphasis in the town planning transformation happened in the Neighborhood Crowns of the Middle.

The syntactic theory is shown as a tool for analysis of the urban space, when making possible that attributes related to his/her morphologic configuration are visualized graphically, providing information that reveal the social logic of the city.

The intention is display as the urban space interferes in the manners of the individual's social conviviality and yours to interact with other people, and as his/her inversion is a true statement.

With the results of these interferences, we will arrive to results that demonstrate the expected social effects and the gotten social effects, through the architectural interventions accomplished by the project of Urban Transformation executed in the Neighborhood Crowns of the Middle.

Key-Words: Urban Planning, Space Syntax, the District Crown Medium.

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO II. O PROJETO URBANÍSTICO DE ARACAJU

Figura 01 – Região da localização da Nova Capital, Aracaju em 1855	28
Figura 02 – Colina do Povoado Santo Antônio do Aracaju, em 1840.....	29
Figura 03 – Porto na boca do estuário do Rio Sergipe, Aracaju em 1860.....	29
Figura 04 – Planta da Cidade de Aracaju em 1865	31
Figura 05 – maquete de projeto do Bairro Coroa do Meio	34

CAPÍTULO III. TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE ARACAJU SOB A ÓTICA DA SINTAXE ESPACIAL

Figura 06 – Mapa Geral da Cidade de Aracaju	40
Figura 07 – Vista Parcial da Av. Ivo do Prado, antes da construção do Bairro Coroa do Meio – 1939	41
Figura 08 e 09 - Vista Parcial da Av. Ivo do Prado, depois da construção do Bairro Coroa do Meio	41
Figura 10 – Visão Geral do Bairro Coroa do Meio, início dos anos 80	44
Figura 11 e 12 – Área nobre do Bairro Coroa do Meio	44
Figura 13 – Área Hoteleira do Bairro Coroa do Meio	45
Figura 14 – Bares da Orla de Atalaia	45
Figura 15 – Primeiro Shopping Center da cidade	46
Figura 16 – Área de palafitas do Bairro Coroa do Meio.....	46
Figura 17 – Mapa de manchas com subdivisões do bairro	47
Figura 18 - Mapa Axial Grande Aracaju – antes da Transformação Urbana do Bairro Coroa do Meio, final dos anos 90	52
Figura 19 – Zoom do Mapa Axial do Bairro	53

Figura 20 – Ausência na configuração casa e rua	58
Figura 21 – Após a transformação Urbana, um novo local onde a relação interior e exterior fica melhor visível	59

CAPÍTULO V. O PROJETO COROA DO MEIO

Figura 22 – Via de Contenção para preservação do Mangue	95
Figura 23 - Nova delimitação do Bairro, após construção da Av. e via de Contenção.....	95
Figura 24 – Av. Perimetral, com pista de ciclismo.....	96
Figura 25 - Centro de referência da Assistência Social	97
Figura 26 - Projeto de residência padrão	97
Figura 27 – Curso realizado para a Comunidade	98
Figura 28 – “Residências” antes da Transformação Espacial	99
Figura 29 – Residências após as Transformações Espaciais e sociais do bairro.....	99
Figura 30 – Mapa Axial da Grande Cidade – antes da Requalificação Urbana do Bairro Coroa do Meio.....	100
Figura 31 – Mapa Axial da Grande Cidade – após da Requalificação Urbana do Bairro Coroa do Meio 2009.....	101
Figura 32 – Zoom do Mapa Axial do Bairro – antes a transformação urbana	103
Figura 33 – Zoom do Mapa Axial do Bairro – após a transformação urbana	104
Figura 34 – Imagem Satélite do Bairro Coroa do Meio - Depois da Transformação Urbana	112
Figura 35 - Imagem de Satélite do Bairro Coroa do Meio	114

Figura 36 - Foto Aérea, delimitação do Bairro Coroa do Meio	115
Figura 37 - Foto das “moradias” onde o convívio segregado passa a ser natural.....	116
Figura 38 - Foto da beneficiada Ana	119
Figura 39 - Foto da nova residência de Ana	119
Figura 40 - Foto da beneficiada Luzia	120
Figura 41 - Foto da nova residência de Luzia	120
Figura 42 - Foto do esposo da beneficiada Silvana	121
Figura 43 - Foto da residência de Silvana, com nova pintura	121
Figura 44 – Foto Premiação ODM 2005	123
Figura 45 – Foto do Prefeito recebendo a Premiação ODM 2005	123

LISTA DE TABELAS E QUADROS

CAPÍTULO IV. SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

Tabela 01: Coroa do Meio: Distribuição da População Total por Sexo	64
Tabela 02: Distribuição da população por Faixa Etária	66
Tabela 03: Chefes das famílias, segundo Sexo	67
Tabela 04: Chefes das famílias, segundo Estado Civil	68
Tabela 05: Quantidade de Residência das Famílias	69
Tabela 06: Tempo de Residência das Famílias	71
Tabela 07: Situação de Moradias.....	73
Tabela 08: Distribuição da População por Nível de Instrução.....	74
Tabela 09: Distribuição da PEA, segundo Condições de Ocupação	76
Tabela 10: Situação Ocupacional da PEA	77
Tabela 11: Distribuição da PEA, por ramos de Atividade	78
Tabela 12: Distribuição das Famílias, segundo Classes de Renda	79
Tabela 13: Número de Trabalhadores por Domicílio	81
Tabela 14: Gastos das Famílias com Pagamento de Água	82
Tabela 15: Gastos das Famílias com Pagamento de Energia Elétrica.....	83

Tabela 16: Gastos das Famílias com Pagamento de IPTU	84
Tabela 17: Gastos das Famílias com Pagamento de Aluguel	85
Tabela 18: Distribuição das famílias, segundo Tipo de Moradia	86
Tabela 19: Quantidade de Cômodos nas Moradias	87
Tabela 20: Quantidade de Banheiros nas Moradias	88
Tabela 21: Domicílios, segundo o Escoadouro dos Banheiros	90
Tabela 22: Domicílios, segundo Abastecimento de Água	91

CAPÍTULO V. O PROJETO COROA DO MEIO

Tabela 23: Quantidade de Residentes no Domicílio	105
Tabela 24: Nível de Renda	107
Tabela 25: Situação dos Domicílios	109
Tabela 26: Responsáveis por Domicílios	110
Quadro 27: Intervenções Arquitetônicas	111

LISTA DE GRÁFICOS

CAPÍTULO IV. SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

Gráfico 01: Coroa do Meio: Distribuição da População Total por Sexo	64
Gráfico 02: Distribuição da população por Faixa Etária	67
Gráfico 03: Chefes das famílias, segundo Sexo	68
Gráfico 04: Chefes das famílias, segundo Estado Civil	69
Gráfico 05: Quantidade de Residência das Famílias	70
Gráfico 06: Tempo de Residência das Famílias	72
Gráfico 07: Situação de Moradias.....	73
Gráfico 08: Distribuição da População por Nível de Instrução.....	75
Gráfico 09: Distribuição da PEA, segundo Condições de Ocupação.....	76
Gráfico 10: Situação Ocupacional da PEA.....	77

Gráfico 11: Distribuição da PEA, por ramos de Atividade.....	78
Gráfico 12: Distribuição das Famílias, segundo Classes de Renda.....	80
Gráfico 13: Número de Trabalhadores por Domicílio.....	81
Gráfico 14: Gastos das Famílias com Pagamento de Água.....	82
Gráfico 15: Gastos das Famílias com Pagamento de Energia Elétrica.....	83
Gráfico 16: Gastos das Famílias com Pagamento de IPTU.....	84
Gráfico 17: Gastos das Famílias com Pagamento de Aluguel.....	85
Gráfico 18: Distribuição das famílias, segundo Tipo de Moradia	87
Gráfico 19: Quantidade de Cômodos nas Moradias	88
Gráfico 20: Quantidade de Banheiros nas Moradias.....	89
Gráfico 21: Domicílios, segundo o Escoadouro dos Banheiros	90
Gráfico 22: Domicílios, segundo Abastecimento de Água	91

CAPÍTULO V. O PROJETO COROA DO MEIO

Gráfico 23: Quantidade de Residentes no Domicílio.....	106
Gráfico 24: Nível de Renda	108
Gráfico 12: Distribuição das Famílias, segundo Classes de Renda.....	108
Gráfico 25: Situação dos Domicílios.....	109
Gráfico 26: Responsáveis por Domicílios.....	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PEA – População Economicamente Ativa

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPTU – Imposto Predial sob Tributos Urbanos

UAS – Unidade de Assentamento Subnormal

SEPLAN – Secretaria Municipal de Planejamento

BID – Banco Internacional de Desenvolvimento

ONU – Organizações das Nações Unidas

SUMÁRIO

Resumo	06
Abstract	07
Lista de figuras	08
Lista de gráficos, tabelas, quadros e anexos	10
Lista de abreviaturas e siglas	11
Sumário	12
Introdução	15
1. Capítulo I – Sintaxe Espacial e Espaço Urbano	19
1.1. Sintaxe Espacial e Espaço Urbano.....	20
2. Capítulo II – O Projeto Urbanístico de Aracaju	26
2.1. A Criação da Capital	27
3. Capítulo III – Transformações Urbanas de Aracaju sob à ótica da Sintaxe Espacial.....	36
3.1. Metodologia: Técnicas e Métodos Aplicados	37
3.2. Transformações Urbanas de Aracaju sob a Ótica da Sintaxe Espacial Espacial	40
3.3. Acessibilidade e Sintaxe Espacial	48
3.4. Uma Leitura à Cidade	56

4. Capítulo IV – Contexto da Segregação Socioespacial do Bairro Coroa do Meio	61
4.1. A Segregação	62
5. Capítulo V – O Projeto Coroa do Meio	93
5.1. Transformação Urbana e Social	94
5.2. Os atores no contexto das Transformações Urbanas e Sociais.....	113
Considerações Finais	125
Referências Bibliográficas	130
Anexos	135
Modelo Entrevista	136

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Em 1855, a capital de Sergipe foi transferida de São Cristóvão, quarta cidade mais antiga do Brasil, para o então Povoado de Santo Antônio do Aracaju.

Essa mudança ocasionou muitas transformações econômicas e sociais, mas principalmente transformações espaciais. E foi justamente por esta que se deu a mudança da Capital. São Cristóvão não situava-se em uma região costeira, como o Povoado de Aracaju, o que era de extrema valia para o desenvolvimento do Estado, afinal nesta época o comércio de importação e exportação, se dava por meio de transportes de navegação.

Mas esta mudança trouxe inúmeras exigências construtivas, na busca de criar uma imponência à Capital, que não conseguiria ser cumprida por todos, o que já de início gerou segregação às famílias menos favorecidas. Surge então, na nova Capital do Estado, suas primeiras “invasões”, em torno do seu projeto inicial.

Pensar as transformações que a sociedade enfrentou com a mudança da Capital, que desde sua construção ficou conhecida como uma “cidade fragmentada”, gerado pelo fenômeno de segregação espacial e social, tornou-se o ponto chave desta dissertação. E como exemplo deste fenômeno que insiste em ocorrer até os dias atuais, foi escolhido o Bairro Coroa do Meio, como recorte espacial. Bairro planejado por volta dos anos 70, e que teve um pensamento de exclusão já em seu planejamento, pois seu projeto só previa famílias com renda superior a 6 salários mínimos.

Estudar tanto atributos sociais como espaciais, e saber como eles se relacionam de uma maneira consistente e recorrente ao longo da história, pressupõem uma teoria pela qual as variáveis de análise é definida ao longo desta dissertação.

Esta análise investe um olhar mais atento à configuração espacial, embora, a chave do segredo não esteja somente estudar as propriedades do espaço em si, mas tentar relacionar estas propriedades urbanas a aspectos sociais,

acreditando que o espaço influencia o modo de vida da sociedade, na forma como ela se movimenta e como as pessoas se encontram umas com as outras.

Muitas questões forma a base para a estruturação dessa investigação, como: A maioria das intervenções Urbanísticas realizadas na cidade de Aracaju foram realizadas em função da promoção da acessibilidade? Como seus espaços urbanos podem ser caracterizados? Como a transformação morfológica do Bairro Coroa do Meio interferiu na permeabilidade urbana da Cidade? Como a transformação urbana do bairro mudou a interação das famílias diante a configuração espacial da cidade?

Para responder a tais questionamentos, partiremos da construção de dois pontos básicos: 1) apresentar as propriedades espaciais segundo a teoria da Sintaxe Espacial, como acessibilidade; 2) criar mapa axial do antes e depois da transformação urbana, ocorrida no bairro.

Mediante o Bairro Coroa do Meio e sua interação espacial na cidade de Aracaju, baseada na confrontação de uma visão nítida sobre a Teoria da Sintaxe Espacial, cria-se objetivos gerais e específicos que será apresentados a seguir: O objetivo geral é analisar a estrutura espacial da “Invasão da Coroa do Meio” e sua morfologia e como ela tem acesso na configuração viária da cidade de Aracaju.

A partir deste objetivo geral, se construíram alguns objetivos específicos que auxiliaram a construção desta dissertação:

- ? Apresentar propriedades espaciais, segundo a Teoria da Sintaxe Espacial, que mais representam à cidade, tais como a acessibilidade e conectividade.
- ? Criar mapas sintático-espaciais, analisando-os em termos de acessibilidade e segregação espaciais.
- ? Descobrir possíveis lacunas internas na Teoria da Sintaxe Espacial e verificar possíveis ligações com aspectos da percepção da cidade.
- ? Contribuir para o registro da Memória urbana de Aracaju e para a análise objetiva de seu espaço intra-urbano.

Nesta Visão, a estrutura da dissertação foi dividida em cinco capítulos. A Teoria da Sintaxe Espacial, seus conceitos, métodos e técnicas são apresentados no capítulo 1.

No segundo capítulo aborda-se a mudança da Capital e construção da cidade de Aracaju, como se deu seu crescimento viário. Ainda aborda-se o planejamento para construção do Bairro Coroa do Meio e sua inter-relação com toda a cidade.

No capítulo 3 são avaliadas a morfologia do Bairro Coroa do Meio e como suas transformações urbanas interferiram direta ou indiretamente na vida social de seus habitantes.

O quarto capítulo apresenta como ocorreu a segregação espacial e social das famílias residentes no Bairro Coroa do Meio e fazemos uma análise dos dados censitários que comprovam esta afirmação.

No quinto capítulo, por sua vez, será apresentado finalmente o projeto de transformação do Bairro Coroa do Meio e buscamos analisar os impactos sociais, econômicos e espaciais que trouxeram as famílias que lá residiam.

As considerações finais apresentam e discutem as variáveis apresentadas nos capítulos anteriores, na busca de conclusões para esta dissertação, mediante leitura da cidade e do bairro no contexto reflexivo sobre sua configuração urbana.

CAPÍTULO I.

Sintaxe Espacial e Espaço Urbano

Neste capítulo aborda-se a estrutura conceitual da dissertação, onde é definida e delimitada a Teoria da Sintaxe Espacial ou Lógica Social do Espaço.

1.1. SINTAXE ESPACIAL E ESPAÇO URBANO

A cidade não é apenas um sistema viário de vias e avenidas articuladas, porém é nela onde a relação social, econômica, política e cultural acontece, seja de modo local ou global, produzindo sentido.

A Sintaxe Espacial¹ reflete a ideia de relacionar aspectos do espaço e da sociedade, ambos entendidos como entidades físicas, presentes no mundo físico, possíveis de serem quantificadas objetivamente, através de atributos relacionados à configuração morfológica que são matematicamente mensurados e graficamente visualizados em mapas e tabelas, proporcionando informações que revelam a lógica social da cidade.

Medeiros² nos lembra que a abordagem Sintática Espacial contempla técnicas de entendimento e representação do espaço, gerando subsídios que permitem ao pesquisador investigá-lo do ponto de vista das articulações urbanas, descrevendo possibilidades de interação e contatos a partir de possíveis fluxos diferenciados de pessoas ou veículos.

Mediante métodos e técnicas, a teoria da sintaxe espacial estabelece relações entre atributos de duas instâncias:

- ? O espaço organizado para fins humanos (escalas do edifício e da cidade); e
- ? A estrutura social, os modos de interação entre indivíduos e grupos, clivagens sociais e estruturas de poder. “*Lato sensu*, podemos dizer que é uma teoria que se localiza no âmbito dos estudos que relacionam

¹ HOLANDA, Frederico de (org.). *Arquitetura & Urbanidade*. São Paulo: Proeditores Associados Ltda., 2003.

² MEDEIROS, Valério Augusto Soares de. *Urbis Brasiliae ou Sobre Cidades do Brasil*. Tese de Doutorado, Orientador: Dr. Frederico Borges de Holanda, Universidade de Brasília PPg FAU/Novembro, 2006.

espaço e comportamento, mas as dimensões de um e de outro são precisamente delimitadas”³.

A sintaxe espacial, portanto, estuda uma relação fundamental entre a configuração do espaço na cidade e o modo como ela funciona.

Quando assumem-se a reflexão por meio do estudo das relações estamos de fato estabelecendo como ponto prioritário a investigação das diferenças. Se todas as relações fossem iguais, não haveria sentido investigá-las, pois nada de distintivo seria extraído.

Ao estudar as diferenças, verifica-se que o princípio relacional é construído pela hierarquia que se vai estabelecendo à medida que as articulações interpartes são constituídas. As propriedades das diferenças associam-se à distinção de cada elemento em relação aos outros e em relação ao todo.

A estrutura articulada entre o espaço físico e as relações humanas, torna-se o objeto de investigação, a partir da Teoria da Sintaxe Espacial, tornando a estrutura pela qual descobri-se correlações entre sistemas de encontros.

Morfologia, deriva do grego *morpho*, de *morphe*, “forma”, significando literalmente “o estudo da forma”. Em português, é oriundo do alemão *morphologie*, verbete criado por Goethe em 1822. Citando Rost,⁴ acrescenta aos significados de *morpho* os sentidos de gesto, posição, padrão, indicando que a implicação filosófica deriva de Aristóteles e o uso escolástico de Tomás de Aquino, a partir das idéias de matéria e forma. Ilustra ainda que exista uma associação mitológica com o deus grego dos sonhos, Morfeu, uma vez que os gregos não diferenciavam a realidade da aparência ou dos sonhos.

Se morfo, e por conseqüência morfologia, contempla também os sentidos de posição e padrão, isso o associa enquanto significado à segunda palavra: *configuração*, entendida como a forma de articulação ou arranjo das estruturas em um dado sistema.

³ HOLANDA, Frederico de. Teoria do conhecimento e dos espaços construídos. 2007. Notas de aula. (UnB).

⁴ GOPPOLD, Andreas. A morphology of cultural patterns. Disponível em: <<http://www.uniulm.de/uni/intgruppen/memosys/desn17.htm#Heading64> >. Acesso em: 07 set. 2005. Apud Medeiros. Valério A.S. de. 2006

Portanto, a forma e a estruturação seguem linhas comuns e andam juntas, confundindo-se semanticamente.

Afinal, as “cidades não são sistemas congelados em uma lógica imanente, ao contrário, são conjuntos de redes sistematizadas que concedem uma ordem provisória à vida urbana”⁵

Neste âmbito urbano tem-se uma visão precisa de que a malha viária, como a concretização da rede de relações, pode ser interpretada a partir de sua hierarquia. Tanto o é, que estudos na área de transporte diretamente estabelecem a distinção das vias a partir de sua capacidade de fluxo e posicionamento em relação ao sistema viário como um todo.

Partimos do que propõe CASTELLS⁶: “não basta pensarmos em termos de estrutura urbana; é preciso definir os elementos da estrutura urbana e suas relações, antes de analisar a composição e a diferenciação das formas espaciais”.

Portanto, o entendimento das formas, materiais e ideias nas cidades, significam literalmente colocá-las em seu contexto e interpretar a natureza de suas relações.

Investigamos os movimentos e fluxos da cidade como configurações urbanas. Assim podemos afirmar mediante a representação sintático-espacial, referida a distância topológica permite conceber parte dos espaços convexos e as linhas axiais.

Hillier e Hanson⁷ observaram que o sistema de espaços abertos de uma cidade, mesmo obviamente contínuo, é constituído por elementos que podem ser identificados e analisados (e.g., ruas, praças, avenidas, etc.). Então, propuseram que tal sistema pode ser descrito de duas maneiras, dependendo

⁵ Medeiros. Valério A. S. de. *Urbis Brasiliae ou Sobre Cidades do Brasil*. Inserindo Assentamentos Urbanos do país em Investigações Configuracionais comparativas. Tese de Doutorado. UNB, Nov. 2006. Orientador: Dr. Frederico Borges de Holanda.

READ, Stephen. Flat city: a space syntax derived urban movement network model. *In: 5th INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM*, 2005, Delft - Holanda. **Proceedings...**Delft: Section of Urban Renewal and Management / Faculty of Architecture / TU Delft, 2005, v. 2, p. 341-357.

⁶ CASTELLS, Manuel. *A Questão Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, pag. 157.

⁷ HILLIER, Bill; HANSON, Julienne. *The Social Logic of Space*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

de como vamos decompô-lo analiticamente: tanto em termos de espaços convexos como em eixos axiais. São eles, dois tipos de decomposição do sistema, registrados por meio de dois tipos de mapas: o mapa de convexidade e o mapa de axialidade.

Vasconcelos lembra ainda que, os elementos nos quais é decomposto o espaço da cidade podem ser considerados tanto localmente como globalmente. No primeiro caso, interessam as características dos elementos em si mesmos. (e.g., o tamanho de um espaço convexo, o comprimento de uma linha axial, ou ainda o número de vezes que uma linha axial é cruzada por outras). No segundo, saber qual o papel que cada um deles representa no todo do sistema. (e.g., a acessibilidade de uma determinada rua, a partir de qualquer ponto da cidade)”⁸

Assim, o mapa axial, neste trabalho, será nosso ponto de partida, na busca de representações gráficas sobre como funciona a acessibilidade e ou segregação do Bairro Coroa do Meio no sistema viário da cidade de Aracaju.

O mapa axial é obtido pela inserção, no sistema de espaços abertos, do “menor número de linhas retas que passam através de todos os espaços convexos”.⁹

Os elementos e suas relações possibilitam a geração de grafos¹⁰ e de propriedades espaciais, como conectividade, integração (global e local) e inteligibilidade, com os quais cada e toda linha do sistema cruzam.

A Sintaxe Espacial é conhecida como uma teoria que envolve métodos e técnicas matemáticas que qualificam o espaço arquitetônico e urbanístico. Contudo, essa visão mais racional, está sendo dissipada na medida em que se cria uma propriedade espacial chamada *inteligibilidade*, que faculta compreender o espaço arquitetônico e urbanístico, a partir de um ponto de vista, e com objetivos específicos.

⁸ Vasconcelos, Rodrigo Botelho de H. A Sintaxe Espacial como Instrumento de Análise da Dualidade Mórfica de Palmas. Universidade de Brasília, 2006. Orientador: Prof. Dr. Frederico de Holanda.

⁹ HILLIER E HANSON. Apud HOLANDA, 2002. op. Cit. pag. 99.

¹⁰ Grafo é uma representação sintética do espaço arquitetônico ou urbano, na qual os espaços são representados por pontos (ou nós) e as conexões entre eles são representados por linhas.

A inteligibilidade é uma medida pela qual as pessoas mais ou menos facilmente percebem a configuração com que ela relaciona o que se vê com o que não se vê, uma medida local, a conectividade, com integração global. Estas propriedades topológicas, isto é, a importância não direcionam-se entre metros.

Relacionando uma medida local com outra global da configuração espacial, conectividade e integração global, a inteligibilidade é extraída dos gráficos gerados por programas específicos, que revelam as propriedades sintático-espaciais.

A metodologia da Sintaxe Espacial proporciona a descoberta de cada uma dessas propriedades a partir da transformação de mapas urbanos em mapas axiais.

Estas propriedades são topológicas, isto é, a importância não direcionam-se entre metros e, sim, mediante integração das vias. Por isso a largura de uma via não é mais importante do que o cruzamento existente dela com outra via. Essa é a forma de conceber o espaço, explorada através das propriedades sintático espaciais.

A Teoria da Sintaxe Espacial leva em consideração não apenas as propriedades intrínsecas do espaço, mas como os cidadãos o utilizam e para isso definiu algumas formas de medir essa interação. Uma delas, mais comumente utilizada até em outras áreas e em outras formas de análise, é o estudo do mapa de uso do solo, ou seja, a verificação das atividades que são exercidas sobre o solo.

Com isso, as relações exploradas podem levar a proximidades e distâncias entre sistemas que permitam ao leitor elucubrar sobre formas específicas de conexões e dependências, associando-as a outros padrões culturais, econômicos e geográficos.

Os métodos existentes para a aplicação da teoria da Sintaxe Espacial utilizam aplicativo desenvolvidos para permitir a análise. Por exemplo, o programa computacional Depthmap auxilia a análise das informações geradas mediante linhas axiais. Trata-se de um aplicativo de geoprocessamento que congrega em um mesmo banco informações vetoriais (mapas) e dados diversos, otimizando o tratamento de informações.

O aplicativo Depthmap gera resultados diretamente no formato *Mapinfo Interchange Format – MIF*), além de permitir a exportação como *.txt, que possibilita a associação com tabelas e imagens .

Ao Interpretar o mapa a partir das propriedades sintático espaciais podemos representar uma interessante maneira de ver o espaço, especialmente ao se relacionar com as diversas fases de crescimento e desenvolvimento de uma cidade, e verificar como estes valores mudam de acordo com cada evento histórico importante para uma sociedade, ou como a estrutura modificada promove novos encontros e movimentos.

Ele permite também utilizar a medida de integração para entender o impacto de um novo projeto na cidade. O próximo capítulo será abordado o projeto da cidade de Aracaju.

CAPÍTULO II.

O Projeto Urbanístico de Aracaju

Este capítulo apresenta um breve histórico do planejamento urbano da Cidade de Aracaju, para servir de sede da capital do Estado de Sergipe, passando pelo seu crescimento urbano, até os dias atuais, abordando o exemplo do crescimento desordenado do Bairro Coroa do Meio.

2.1. A Criação da Capital

Para a compreensão dos condicionantes da estruturação socioespacial de Aracaju, a História da Cidade é abordada com intuito de definir alguns dos fatores responsáveis por suas transformações ao longo do tempo.

A implantação de Aracaju, para se tornar capital de Sergipe, surgiu dentre outros fatores, pelas pressões de se construir um porto na boca do estuário do Rio Sergipe (Figura 01) para a troca e venda de mercadorias que vinham nas embarcações, já que o comércio era realizado, em grande parte, através das bacias hidrográficas do país.

O fator geográfico também contribuiu para implantação da nova capital. Por estar inserida numa planície, continha áreas para sua futura expansão, ao contrário de São Cristóvão, atual capital do Estado, que é uma cidade colonial rodeada de encostas íngremes e vales estreitos, que não oferecia as mesmas condições de crescimento.

Segundo Inácio Joaquim Barbosa, então Presidente da Província, Aracaju detinha áreas “salubres e ventiladas” e apresentava ligação, aos fundos, com o “fértil” Município de Nossa Senhora do Socorro, e a sua frente com o Município de Barra dos Coqueiros, que apresentava clima quente.

Barbosa tinha visão para uma futura expansão da cidade, área que escolherá não era adequada, equivocara-se ao afirmar sobre a salubridade dessa área, que era formada por lagoas e pântanos, sendo necessário o aterro de maior parte delas para a implantação da cidade. (Figura 1)



Figura 02 – Colina do Povoado Santo Antônio do Aracaju, em 1840

Fonte: Site: www.aracaju.se.gov.br



Figura 03 – Porto na boca do estuário do Rio Sergipe, Aracaju em 1860

Fonte: Site: www.aracaju.se.gov.br

A capital surge a partir de um projeto idealizado pelo engenheiro Sebastião Basílio Pirro, que na sua concepção baseava-se numa retícula quadriculada, ortogonal, do tipo “tabuleiro de xadrez”, em substituição à “velha” cidade de São Cristóvão, com suas ruas sinuosas e espontâneas, Pirro trabalhou uma cidade geométrica, com plano e alinhamentos.

Essa ideia de progresso, pela criação de uma nova capital projetada, derrota a mudança da capital para outras cidades existentes em Sergipe, como Estância,

Maruim e Laranjeiras que se destacavam no panorama econômico e social da região, mas que não apresentavam condições de receberem esse título por estarem distantes do mar, inviabilizando as atividades portuárias.

As atividades da província e os edifícios públicos foram transferidos para a praia do Aracaju, já em 1854: a Alfândega e a Mesa de Rendas provinciais. Em seguida criaram uma agência de correio e uma subdelegacia policial. Contudo, o panorama desolador dos areais e brejos da área ainda exercia um aspecto negativo sobre as pessoas.

As plantas urbanas mais antigas de Aracaju que se conhecem foram feitas pelo engenheiro Francisco Pereira da Silva (1856 e 1857) o qual logo se juntou a Pirro, e deixam claro a existência de várias áreas inundadas e outras formadas por lagoas e brejos.

Havia certa pressa na demarcação do terreno e o traçado retilíneo e simples que vinha a ser bastante útil. Esse tipo de traçado se adequava ao relevo plano, pois havia grande parte do terreno cuja cota de nível era muito baixa, até zero ao nível médio do mar, o que poderia acarretar em constantes inundações, trazendo complicações para o sistema de escoamento pluvial na época, sem citar problemas no futuro do sistema de esgotamento sanitário da cidade.

Porém, não podemos negar que a estrutura ortogonal apresenta aspectos positivos, tais como maior facilidade de implantação, além de não haver necessidade de técnicos especializados para executá-la.

O Quadrado de Pirro, assim conhecido pelo nome do seu construtor, foi um traçado idealizado dentro das seguintes medidas, 540 braças de lado (1.188 metros), com quarteirões iguais de 55 braças de lado (110 metros) cada um separados por uma via de 60 palmos de largura (13,20 metros). Essas dimensões eram padrões, naquele tempo. Podemos encontrar estas mesmas medidas em traçados de várias cidades, a exemplo de Niterói.

Entretanto, não se pode falar de uma cidade planejada, pois o planejamento requer além de um traçado urbano definido, uma projeção de onde seriam localizadas suas principais atividades de acordo com a importância econômica, social e local, ou seja, um zoneamento; o que nunca ocorreu.

Porém a maioria da população era pobre, impossibilitada de construir seguindo todas estas regras. Então elas se agruparam e passaram a construir desordenadamente no entorno do plano inicial. Surge o primeiro exemplo de segregação social de Aracaju. Fenômeno que não foi esperado no projeto, podendo ser considerado mais um atestado de que o “Plano de Pirro” sofreu transformações inesperadas ao longo do crescimento da cidade.

O que Pirro, de fato, delimitou dentro de seu quadrado, segundo Loureiro¹¹, foi a “zona nobre da cidade”. Em 1856, a capital tinha 1.484 habitantes, sendo 20% escravos. Aracaju, em 1860, com 5 mil habitantes tinha ainda dificuldades para se manter como capital, o Porto funcionava, mas em precárias condições. A população pobre se estabeleceu ao longo da estrada que ligava o plano inicial ao antigo povoado Santo Antônio, que fica ao norte.

Apesar de Aracaju possuir tendências modernizantes que caracterizaram o seu início, não se pode deixar de verificar que seu crescimento posterior não seguiu um plano ou regras predefinidas, apenas se deixou levar a partir de um traçado ortogonal já facilmente reproduzível, já que o terreno sobre o qual estava não possuía grandes irregularidades auxiliando a continuidade do traçado inicial projetado.

Saber como as diversas políticas urbanas se comportou para a definição do ordenamento e crescimento urbano é essencial para desvendar e comprovar uma das hipóteses desta dissertação. Compreender como e por que a integração ou fragmentação espacial foi promovida e onde estiveram localizadas na cidade desde sua origem, e a que fatores ou agentes especuladores estiveram associados, e continuam atuando no contexto do planejamento urbano da cidade de Aracaju.

Em meados do século XX, iniciam-se as grandes transformações urbanas, com a implantação de novos meios de transporte urbano, e com a implantação da ferrovia em 1914 e ainda as rodovias poucos anos depois, dando um novo impulso ao crescimento da cidade.

¹¹ Loureiro, Kátia A. S. A trajetória Urbana de Aracaju, em tempo de interferir. Aracaju: Instituto de Economia e Pesquisas-INEP, 1983, pag. 52-53.

Houve uma verdadeira disseminação de ruas e becos irregulares, ao norte, que desapareceram, por volta de 1920, quando essa população foi expulsa, cedendo lugar a obras de escavação e aterros. Também é nesta área que, em 1884, vai se localizar a primeira fábrica de tecidos, dando origem a funções industriais ao local, levando, depois, a denominação de Bairro Industrial.

Esse período caracteriza o desenvolvimento urbano, mas também fatores econômicos responsáveis por uma segregação social nitidamente refletida em seu espaço, através da criação de bairros para operários, ao norte da cidade e bairros para os “ricos” ao sul.

Nessa mesma época, surgem grandes agentes privados, ávidos pelo lucro da terra urbana, que enquanto mercadoria pode oferecer.

O crescimento da cidade em direção ao sul implicou na valorização dos terrenos da Coroa do Meio, bem como na crença de que a região tinha grande potencial para a ocupação devido sua posição geográfica.

Neste contexto em 1976 houve um crescimento acelerado da população, ocasionando um grande deficit habitacional e a prefeitura na busca de solução contratou o escritório do Arquiteto Jaime Lerner, para elaborar o projeto do Bairro Coroa do Meio, e passa a aterrar a nova área, que até então é composta de manguezal (Figura 05 maquete do projeto). Sua intenção é construir o primeiro Shopping Center da cidade e em seu entorno edifícios e residências de alto padrão.



Figura 05 – maquete do projeto do Bairro Coroa do Meio, meados dos anos 80

Àquela época, já havia ocupação ilegal na área, com pessoas que tiravam seu sustento da pesca. A crescente ocupação ilegal levou em 1977, a aceleração dos trabalhos de planejamento e projeto. Em 1978 iniciaram-se as obras, tendo como marco a construção da ponte que liga o Bairro 13 de Julho à Coroa do meio. Também foi construído o Shopping Riomar, primeiro shopping da cidade, uma grande casa de espetáculos e o quebra mar localizado ao longo da faixa costeira.

A ideia do projeto do Bairro Coroa do Meio, era criar uma área totalmente auto-suficiente, segundo TOKATJIAN¹², ele possuiria uma estrutura que daria prioridade ao transporte, a infraestrutura, equipamentos, serviços e moradia de maior densidade (residências multifamiliares) e a população proposta para a compra dos lotes ou apartamentos deveria receber entre seis e oito salários-mínimos.

Porém com as freqüentes invasões do mar sobre o bairro, a população de alta renda não se sentiu segura em adquirir os lotes ou edificações à venda. Esse processo impossibilitou a construção da quarta e última etapa, sendo o espaço totalmente ocupado por pescadores, ampliando as ocupações irregulares, já existentes. Assim o bairro passa a ser dividido em subáreas, onde as desigualdades sociais tornam-se claras.

Este é um bairro que, apesar de estar dentro da malha urbana e no contexto de praias, segue bastante segregado do restante da cidade, primeiro pela reduzida mobilidade das pessoas para o local, e segundo, pela falta de acessibilidade, pois só existiam dois acessos ao bairro.

A segregação socioespacial e má acessibilidade surgiram, desde sua criação, e com o passar das décadas tornou-se mais nítida. O próximo capítulo tratará a Teoria e os Métodos para detectar tais segregações.

¹² TOKATJIAN, Catarina Furtado de Mendonça. Da Croa à Coroa do Meio: Formação de um espaço urbano, Aracaju: Universidade Tiradentes, 2000. (Trabalho Final de Graduação. Orientação Profa. Dra. Adriana Dantas Nogueira.

CAPÍTULO III.

Transformações Urbanas de Aracaju sob a Ótica da Sintaxe Espacial

Este capítulo revela dimensões sociológicas do desempenho da configuração urbana. São examinados os atributos morfológicos do bairro e as possibilidades de fluxos neles implicados.

3.1. Metodologia: Técnicas e Métodos Aplicados

Primeiro o desenvolvimento da dissertação, se baseou na revisão da literatura da Teoria da Sintaxe Espacial, criada por Bill Hillier e Juliene Hanson e em seguida, aqui no Brasil, pelo Frederico de Holanda.

Os procedimentos utilizados foram os seguintes:

a) Pesquisa Bibliográfica:

A investigação de referências bibliográficas, documentos, fatos, para identificar as etapas de desenvolvimento da cidade e/ou área escolhida, neste caso a Cidade de Aracaju.

Buscou-se também referências sobre a configuração espacial da cidade e como sua sociedade tem utilizado o espaço urbano desde sua construção. O estudo teve como enfoque, ocorrido nos últimos anos, a Transformação Urbana e Social decorrida no Bairro Coroa do Meio, abrangendo principalmente a área da “invasão do mangue”.

b) Procedimentos de coleta de informações gráficas

Para conhecimento do universo escolhido foi realizado o levantamento de dados sobre o crescimento e ordenamento de Aracaju, através de fontes primárias: arquivos públicos e particulares, estatísticas oficiais, censos, e fontes secundárias: obras e trabalhos já elaborados por diversos pesquisadores e/ou estudantes.

A Prefeitura Municipal de Aracaju, através da Secretaria de Planejamento teve papel fundamental cedendo arquivo do mapa oficial da cidade (em CAD), Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Vigente e relatórios elaborados na época da execução dos trabalhos sociais.

c) Procedimentos de coleta de informações cadastrais

Foi elaborado modelo de questionário (em anexo 1) e realizada pesquisa de observação e entrevista aos moradores do bairro após a mudança para as residências e comparadas às entrevistas antes feitas pela SEPLAN, quando eles ainda residiam em palafitas, com o objetivo de analisar informações das transformações sociais ocorridas e vividas pelos mesmos. Estes dados foram ainda comparados e analisados aos dados censitários de 1991, 1996 e 2000.

d) Procedimentos da configuração do bairro e da cidade mediante uso de programas computacionais:

O uso de programa computacional como o Autocad, serviu de suporte para elaboração de linhas do traçado viário da cidade e em seguida com o recurso do programa *Depthmap* foram gerados os mapas axiais (antes e depois da transformação urbana), obtendo assim o processamento das análises sintático-espaciais, de extrema importância para a posterior comparação com os dados socioeconômicos.

Após a coleta de dados e organização do material disponível para uma efetiva caracterização do objeto de estudo (Aracaju e o Bairro Coroa do meio) e do aprendizado de técnicas específicas da teoria da Sintaxe Espacial, partiu-se para a organização do material levantado.

Os dados que abrangem as características socioespaciais de Aracaju foram dispostos tanto em representações gráficas quanto em informações textuais, trabalhados de forma a se obter uma visualização mais completa possível sobre o fenômeno urbano.

Todos estes dados estatísticos, textuais e gráficos possibilitaram uma reflexão sobre o processo de transformação e ordenamento pelo qual passou o Bairro Coroa do Meio e conseqüentemente toda a Cidade de Aracaju, assim como os estudos dos dados sintático-espaciais possibilitaram um alcance maior na interpretação e compreensão sobre a interação socioespacial.

A Sintaxe Espacial demonstra ser de extrema validade para a existência de análises objetivas dos espaços. Para tanto, como já foi dito, é necessário à análise de estudo do espaço urbano em diversas fases de transformação e crescimento de uma cidade.

Assim a análise social é necessária para completar o estudo, na hipótese de confirmação de que o espaço social é um fator complementar modificador pelo espaço urbano e vice-versa.

3.2. TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE ARACAJU SOB A ÓTICA DA SINTAXE ESPACIAL

Este capítulo aborda as transformações urbanas de Aracaju, comparando-as a eventos e fatores socioeconômicos da população em geral com as informações sintático-espaciais. Iniciaremos com a abordagem da formação da cidade de Aracaju, antes da intervenção no Bairro Coroa do Meio. (Mapa Geral da cidade de Aracaju – Figura 06)

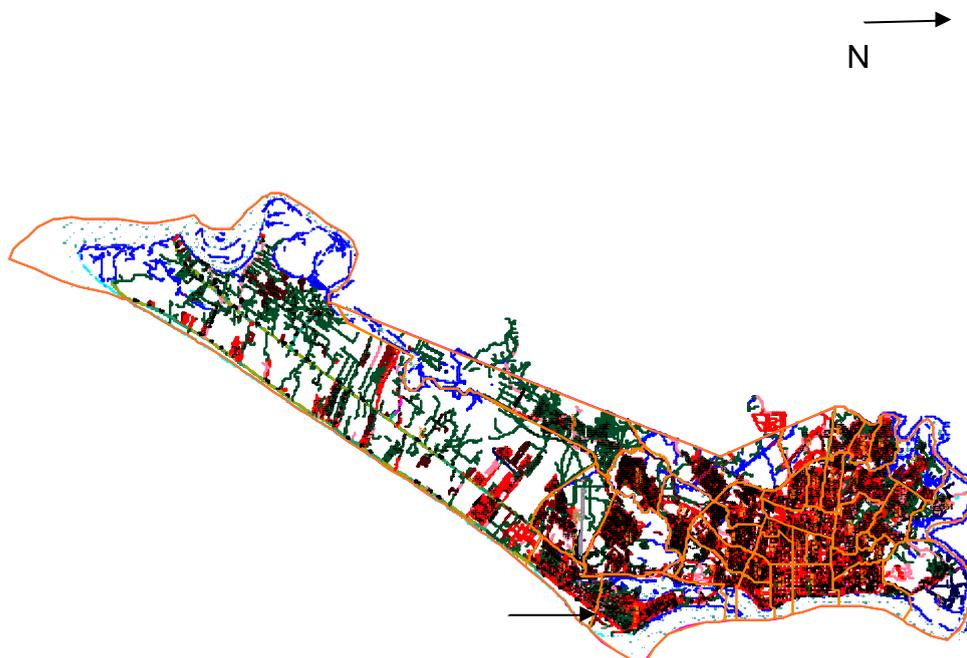


Figura 06 – Mapa Geral da Cidade, Escala: s/escala

Fonte: SEPLAN, 2005

A expressão “solo criado” refere-se à forma como a ação humana viabilizou a implantação da cidade de Aracaju, interferindo em seu tecido morfológico, mediante aterramento de diversas partes da cidade onde antes eram formados por mangues, pântanos, córregos. Como também pela via de desmontes de dunas e cordões litorâneos, dando origem a novos bairros, necessários ao crescimento da cidade de Aracaju. (Figura 07, 08 e 09)



Figura 07 – Vista Parcial da Av. Ivo do Prado, antes da construção do Bairro Coroa do Meio – 1939

Fonte: Acervo A. Gentil



Figura 08 e figura 09 - Vista Parcial da Av. Ivo do Prado, depois da construção do Bairro Coroa do Meio

Fonte: < <http://www.aracaju.se.gov.br> >

A partir dessa idéia, surge o loteamento Coroa do Meio, um novo bairro em Aracaju implantado a partir de 1979, causando grande impacto por assentar-se em uma área muito alagadiça, com mangues e canais que tinham uma contribuição importante na estabilização da Barra do Rio Sergipe, demandando obras de drenagens e aterros expressivos.

O projeto de formação do Bairro Coroa do Meio “foi implantado numa área cuja ocupação era apenas de pescadores, muitos dos quais migrantes, notadamente da região do Baixo São Francisco, que trabalhavam em Aracaju e faziam daquele local seu espaço residencial, de lazer e de complementação de renda, com a captura de caranguejo, moluscos e peixes, muitas vezes vendidos, no bairro vizinho, em barracos na praia de Atalaia”¹³.

Ao longo dos anos, a ocupação se acentuou, atingindo desde a Rua José Steremberg, no Bairro Atalaia, até as ruas Urbano Neto, no sentido Norte e Aloísio

de Campos, ao leste.

Abre-se, então, para a cidade a perspectiva de crescimento com a ocupação disciplinada e de um espaço privilegiado, delimitado pelas praias da foz do rio Sergipe, por enseadas e pela margem direita do Rio Poxim.

A obra foi considerada como um divisor histórico no processo de urbanização aracajuana, modelo ímpar para a região nordestina, projetado pelo Arquiteto e Urbanista Jaime Lerner, e em termos relativos, o mais importante projeto CURA do Brasil. Era vista também, por segmentos da sociedade local, como solução para algumas carências da cidade, principalmente em termos de habitação.

Assim, a Coroa do Meio transformou-se num bairro, mas a sua ocupação foi lenta, permanecendo rarefeita por muitos anos.

As quadras abertas foram idealizadas para edifícios de 04 pavimentos, tendo o térreo destinação comercial. Porém, para tornar-se viável econômica e

¹³ SILVIANO, Cornélio (1984) *Projeto Cura: um exemplo de intervenção do Estado nas transformações do espaço urbano*. Dissertação de Mestrado em Geografia, São Paulo, FFCL/USP. pag. 33.

financeiramente o espaço destinado ao comércio, logo cedeu lugar também a construção de apartamentos residenciais.

O modelo dessas quadras, logo foi amplamente assimilado pela incorporação imobiliária local, na década seguinte, destinados à classe média, com uma adaptação, cada quadra tornava-se um condomínio fechado com vários edifícios em seu interior.

Do total de 479ha urbanizáveis 227ha foram previstos para ocupação com habitação (multifamiliar ou unifamiliar); 118ha destinados a recreação; 91ha a sistema viário, sendo ainda, 39ha para comércio e serviços e 4ha para a construção de escola e centro comunitário. Tratava-se assim de uma proposta de urbanização entendida como uma solução mista no que tange às diretrizes de uso e ocupação do solo.

Mas a ação humana, mediante aterragens, e a ação do mar, buscando seu espaço, passaram a ser inconciliáveis, ambos lutariam por um mesmo espaço. Devido esta inconstância do avanço do mar, não foi possível a execução da última e quarta etapa, criando no seu lugar uma invasão de habitações subnormais com barracos de madeiras em ruas sem qualquer infra-estrutura, seguida por construções de palafitas mangue adentro. A porção do bairro como invasão da Coroa do Meio fica limitada entre o prosseguimento da Av. Urbano Neto, em área acrescida por aterro de mangue que margeia a planície de maré superior (apicum), e se estende até a Av. Rotary, com limites a leste passando pela Rua José Stemberg e Av. Aloísio Campos. (Figura 10)



Figura 10 – visão Geral do Bairro Coroa do Meio, início dos anos 80

Fonte: < <http://www.aracaju.se.gov.br> >

Assim, a população local transformou-se muito, em decorrência dos vários interesses, das diversas categorias sociais que permaneciam entre Atalaia velha, bairro já existente, a margem da praia mais freqüentada da cidade, e a então nova Coroa do Meio. O senso comum passou a distinguir no bairro nas seguintes áreas:

- 1) A “área nobre” do bairro constituída por quadras semelhante à configuração urbana inicial da cidade; (Figura 11 e figura 12)



Figura 11 e figura 12 – Área Nobre do Bairro Coroa do Meio

- 2) A “área econômica” do bairro composta pela região da orla marítima, onde se encontram vários bares, de onde a maioria das famílias, que vivem nas limitações da antiga invasão tira seu sustento, seja como vendedores dos bares ou com venda ambulante; (Figura 13, 14 e 15)



Figura 13 - Área Hoteleira do Bairro

Fonte: < <http://www.aracaju.se.gov.br>>



Figura 14 – Bares da Orla de Atalaia

Fonte: < <http://www.visitearacaju.com.br>>



Figura 15 – Primeiro Shopping Center da Cidade

Fonte: < <http://www.aracaju.se.gov.br>>

- 3) A “área da invasão” onde residiam mais de 650 famílias, em condições subumanas. (Figura 16)



Figura 16 – Área de Palafitas do Bairro Coroa do Meio

A figura 17, abaixo, resume bem as subdivisões criadas no Bairro Coroa do Meio destacadas acima, onde a cor azul representa à área da invasão, a verde o setor hoteleiro, a amarela a orla comercial com diversos bares, a vermelha os

prédios com quatro pavimentos. Restando ainda a cor cinza que representa a área residencial de habitações térreas.



Figura 17 – Mapa de manchas com subdivisões do bairro

Criou-se então, um adensamento por conjuntos de residências, habitações isoladas, barracos de madeira, pequenas cabanas e palafitas sobre o mangue, em contraste com a linda orla marítima, seus diversos hotéis e boates luxuosos, bares e prédios destinados a equipamentos públicos.

O bairro Coroa do Meio passou a ser um caldeirão de problemas urbanos em Aracaju, e gerou muitos questionamentos e discussões. O bairro padece com uma ocupação subnormal, onde barracos de madeira foram a solução encontrada por muitos dos seus moradores. Surgem, assim, invasões por todo o entorno e em terrenos circunvizinhos, gerando segregados núcleos urbanos.

3.3. ACESSIBILIDADE E SINTAXE ESPACIAL

Segundo Hillier¹⁴, parte do convívio social, do movimento, da localização das atividades está intimamente conectada à acessibilidade implícita na configuração da malha viária de uma cidade. Em sua teoria da sintaxe espacial, ele explica que a diferenciação da malha viária condiciona o uso e a mobilidade para além da forma edificada e nela contida.

Assim, a distribuição espacial das atividades é também função da acessibilidade detectada pela sintaxe espacial. Por seu turno as atividades constituem um essencial efeito multiplicador nos usos dos espaços públicos.

Aracaju é considerada uma cidade segregada socialmente, desde sua origem. A partir da exclusão ocorrida com a determinação de várias regras construtivas no seu plano inicial, já citadas, impossibilitando a construção de residências por qualquer pessoa, a não ser quem tivesse condições financeiras favoráveis¹⁵.

Com isso foram surgindo bolsões de vázios urbanos no plano inicial. Pois as famílias menos favorecidas passaram a construir em seu entorno, de preferência no sentido norte onde os terrenos eram menos valorizados, em áreas inundáveis e alagadiças, difíceis de fixar uma base sólida para construção de moradias, porém onde não havia regras construtivas e ninguém iria protestar tal espaço¹⁶.

Os atributos da configuração urbana podem facilitar ou dificultar a acessibilidade entre bairros da cidade, e quando eles têm características socioeconômicas diferentes isto pode implicar um maior ou menor contacto

¹⁴ HOLANDA, Frederico de (org.). *Arquitetura & Urbanidade*. São Paulo: Proeditores Associados Ltda., 2003. P.13.

¹⁵ Nogueira, Adriana Dantas. *Patrimônio Arquitetônico e História Urbana: Ensaio sobre o Patrimônio Arquitetônico de Sergipe e sobre a estrutura sócioespacial de Aracaju*. Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.

¹⁶ Nogueira, Adriana Dantas. *Patrimônio Arquitetônico e História Urbana: Ensaio sobre o Patrimônio Arquitetônico de Sergipe e sobre a estrutura sócioespacial de Aracaju*. Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.

entre os vários níveis socioeconômicos. Hillier e Hanson¹⁷ lamentam que torres, blocos ou “guetos verdes”, representantes da natureza muito fragmentada do moderno espaço urbano, estejam maximizando o estranhamento entre “moradores” e “gente de fora”.

Normalmente existe uma grande coincidência entre o crescimento da cidade e a extensão da rede de transportes, mas geralmente o que acontece em Aracaju é que a cidade cresce antes da rede viária, fazendo com que muitos loteamentos se desenvolvam em áreas de difícil acesso, na espera que a rede viária, chegue por lá um dia.

A descontinuidade da infra-estrutura do espaço que tem uma ligação direta com a questão. Afinal de contas saneamento básico, rede de energia elétrica, rede de água e pavimentação, etc., estigmatiza os que já são segregados socioeconomicamente.

Os agentes produtores e consumidores do espaço de ocupações irregulares têm papéis diferenciados, mas são capazes de cooperar para a organização do espaço. O Estado, por exemplo, tem como função precípua, a definição de leis atuando mediante políticas públicas voltadas para a implantação de infraestrutura básica. Os promotores imobiliários e os proprietários fundiários estimulam a incorporação da terra, transformando-a em mercadoria apenas para aquisição de lucro. Assim, modelam o espaço urbano conduzindo à segregação socioespacial, presentes nas médias e grandes cidades.

Segundo VILLAÇA¹⁸, “a segregação é um processo segundo os quais diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões ou conjuntos de bairros da metrópole.”

Este novo processo se apresenta de duas formas: a autosegregação e a segregação imposta. A autosegregação se refere à ação adotada pela própria iniciativa da classe dominante, cria condições desejadas para o seu conforto e

¹⁷ HILLIER, Bill, HANSON,Julienne. The Social Logic of Space. Cambrigde: Cambridge University Press, 1984.

¹⁸ VILLAÇA, Flávio. Espaço Intra-Urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp: Lincoln Institute, 1998, pag. 142.

para sua segurança, buscando viver com outras pessoas da mesma classe social.

Por outro lado, a segregação imposta ocorre quando a população pobre é obrigada a habitar em uma determinada área, onde as condições de moradia são precárias, como os cortiços e favelas localizados na periferia. VILLAÇA¹⁹ discute, ainda, essa questão e afirma que: “a segregação é um processo dialético em que a segregação de uns provoca, ao mesmo tempo e pelo mesmo processo, a segregação de outros.”

Segundo SOUZA²⁰, a segregação socioespacial se intensifica com a cidade moderna, pobres e ricos são separados em cidades “diferenciadas e justapostas”, representando uma violência e desagregação, que se ampliam quando verificadas no âmbito econômico a partir da “informalidade das ocupações habitacionais” e na exclusão urbanística de grande parcela da população, como por exemplo, direito à cidadania, infraestrutura, saneamento e moradia.

Para PRETECEILLE²¹, nos últimos dez anos (década de 90), agravam-se as subdivisões das cidades de acordo com os contextos socioeconômicos. A escala dos empregados ou a pressão dos meios empresariais no contexto de concorrência exacerbada, ou de uma combinação. Crescem as tensões sociais e a pobreza e a exclusão, bem como, o crescente sentimento de insegurança.

A técnica da axialidade aplicada à malha viária da cidade de Aracaju, objetiva constatar essa afirmação visando caracterizar acessibilidades diferenciadas, mediante as bandas cromáticas do mapa axial.

A linha axial, definida por Hillier e Hanson²², definida no capítulo anterior, é uma linha reta que pode ser desenhada sobre o sistema viário da cidade, reproduzindo os percursos dentro dos limites do espaço público. A partir da

¹⁹ VILLAÇA, Flávio. Espaço Intra-Urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp: Lincoln Institute, 1998, pag. 148.

²⁰ GORDILHO-SOUZA, Ângela. Limites do Habitar: Segregação e Exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e Perspectiva no Final do Século XX. Salvador:EDUFBA, 2000.

²¹ PRETECEILLE, Edmond. Cidades Globais e Segmentação Social. In RIBEIRO, Luís César Queiroz e SANTOS Jr., Orlando Alves dos. Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana: O Futuro das Cidades Brasileiras na Crise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. P. 65-89.

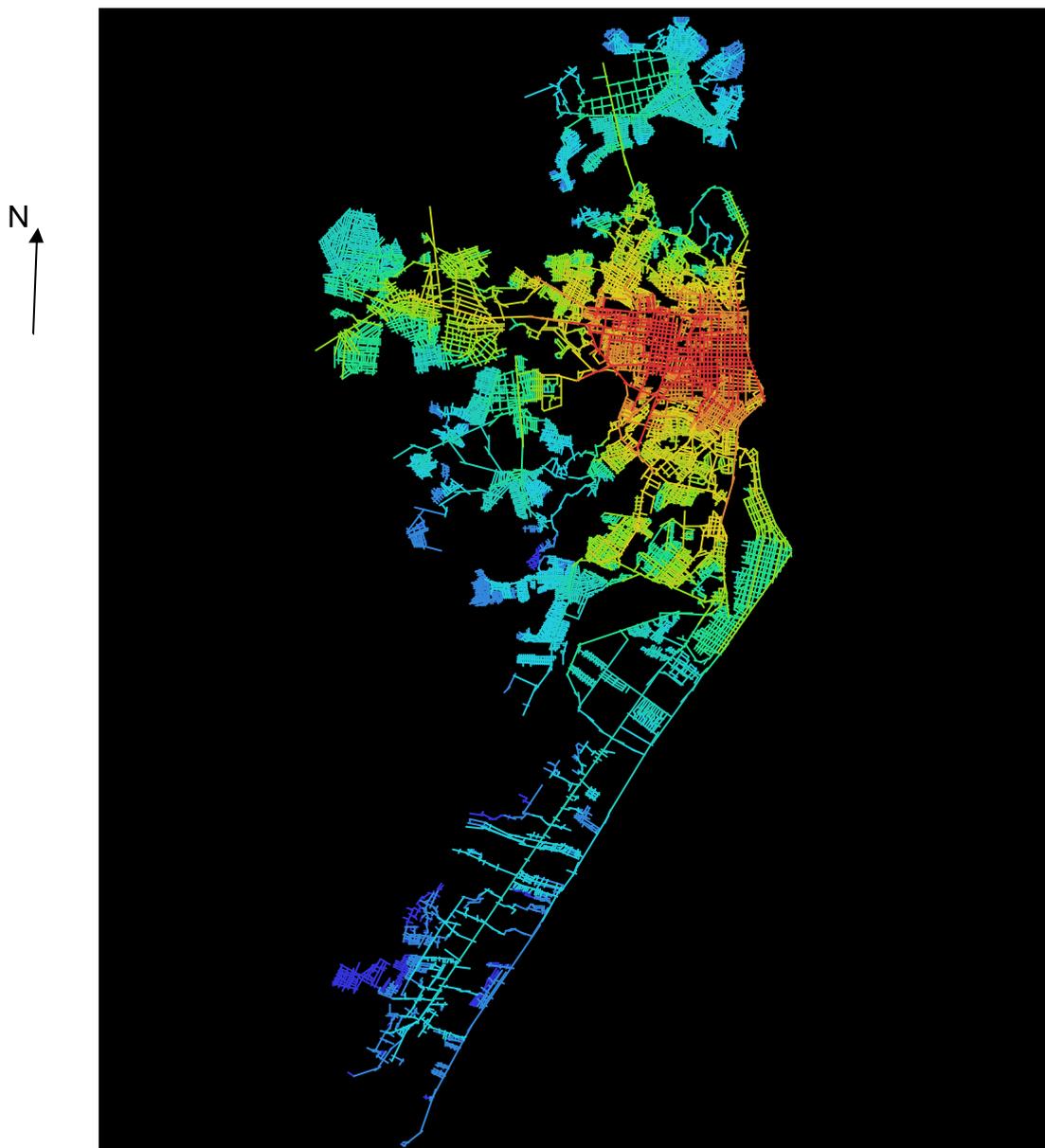
²² HILLIER, Bill, HANSON,Julienne. The Social Logic of Space. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

configuração dos espaços abertos contínuos e fechados (ou seja, espaços públicos e privados), as linhas axiais devem cobrir todo o espaço aberto representando a acessibilidade.

Para que se entenda melhor a construção da axialidade, deve-se adentrar um pouco nos aspectos metodológicos para a definição da linha axial. Ela é construída do início de uma via até o final de seu lado oposto. Sempre se deve iniciar desenhando as vias pelos trechos mais longos e depois passar para os menores, não podendo haver repetição de linhas axiais num mesmo espaço, mas a linha axial deve atravessar cada e todo o espaço convexo, este é definido na Sintaxe Espacial como sendo uma unidade elementar de espaços definida por um polígono convexo, ou seja, que não pode ser cruzado por qualquer segmento de uma reta em mais de dois pontos.

O método da construção das linhas axiais diz ainda, que toda a linha axial deve conectar-se com outra linha, pois a propriedade da conectividade é essencial para a definição da axialidade.

Assim, processado o mapa de axialidade, obteremos o resultado que mede a acessibilidade topológica de cada eixo ante os demais, quanto mais acessível o eixo, ou integrado menos inflexões de percurso, em média, entre ele e outros eixos do sistema. O aplicativo tem saídas gráficas e numéricas. Na saída gráfica, cores indicam a integração dos eixos: mais *quentes* (tendentes ao vermelho) indicam eixos mais integrados, mais frios (tendentes ao azul escuro) indicam eixos mais segregados. A saída numérica define valores para cada linha que é avaliada por meio de sua cor, quanto mais quente mais acessível à cidade ela se encontra. (Figura 18)



LEGENDA (Nível Médio de Integração)

— 1.058 - 1.178

— 1.655 - 1.775

— 2.014 - 2.133

— 2.372 - 2.492

Figura 18 - Mapa Axial Grande Aracaju – antes da Transformação Urbana do Bairro Coroa do Meio, Final dos anos 90

O mapa axial, acima, considerou não apenas os limites municipais da Cidade, mas a composição urbana da grande Aracaju devido à conurbação existente

entre os municípios, que engloba a Cidade de São Cristóvão e Nossa Senhora do Socorro, fazendo com que o sistema viário seja considerado unitário.

Ainda analisando o mapa axial completo de Aracaju, apenas fazendo uma aproximação (zoom) no Bairro Coroa do Meio, nota-se que o bairro se apresenta com pouca acessibilidade, pela presença de inúmeras linhas de cores frias (verde, azul), reforçando a ideia de movimento dos moradores apenas no próprio bairro. (Figura 19)

“É como se a cidade fosse um imenso quebra-cabeça, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos demais” (ROLNIK, 1995)²³.

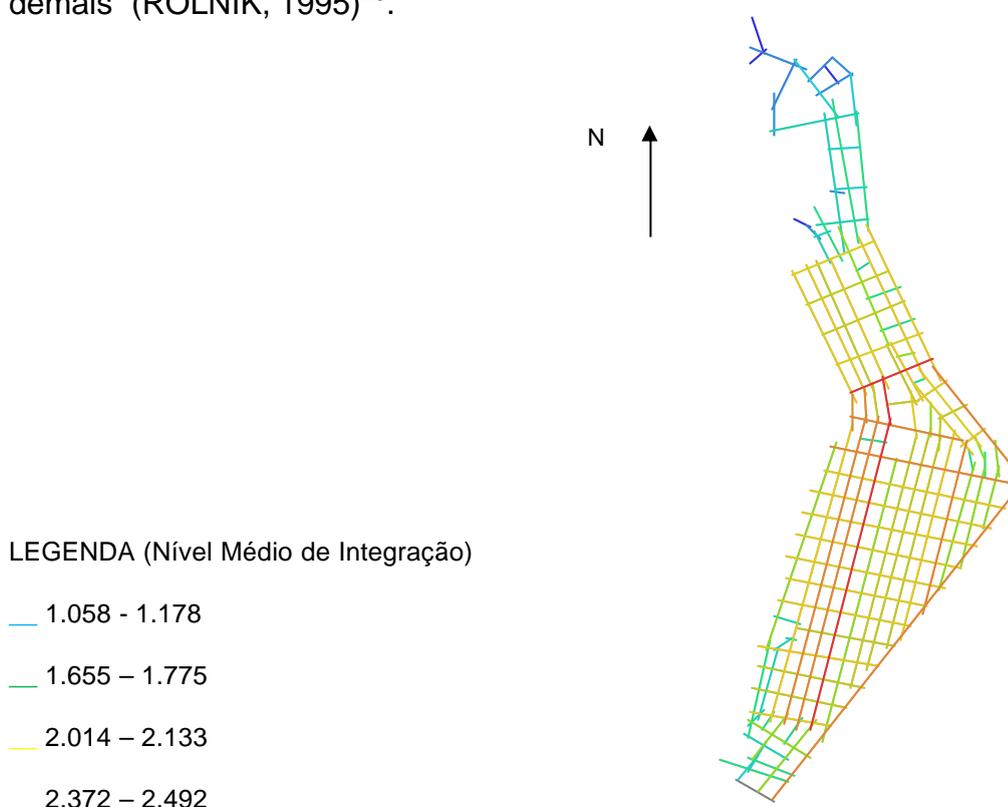


Figura 19 – Zoom do Mapa Axial do Bairro Coroa do Meio

A acessibilidade pode apresentar vários aspectos em termos de tempo, dinheiro despendido no transporte, entre outros. É preciso que ela seja caracterizada em função da teoria da Sintaxe Espacial, a qual não considera a acessibilidade apenas, entre dois pontos no espaço, mas sim como o acesso de um ponto para qualquer outro ponto na cidade.

²³ ROLNIK, Raquel. O que é a Cidade. São Paulo: Brasiliense, 1988. pag. 40.

Isso é fruto da ideia de cidade que começa a ser pensada como fragmentos estrategicamente posicionados, como se a cidade fosse separada em “partes”, e não uma cidade pensada mediante um zoneamento, onde suas redes e fluxos trabalham interligados.

A meta é avaliar como o layout urbano contribui para a acessibilidade dos diversos grupos sociais, pois dela pode depender as características da configuração da cidade e da facilidade existente de acesso, mais do que do comprimento da viagem ou jornada, ou seja, depende de transporte disponível, da configuração e da distância.

Com seu desenvolvimento, Aracaju torna suas vias mais longas, as quais deveriam gerar propriedades de um crescimento urbano, mas, acabam transformando-as fragmentadas, gerando o movimento em torno (*movement around*), pois elas não são as responsáveis pelo surgimento dos tentáculos urbanos, não refletindo as características globais, mas sim reforçando as características locais, de acordo com a análise da integração local.

Essa espacialidade percebida na configuração urbana de Aracaju pode ser detectada com maior ênfase ao se aprofundar na história e no contexto urbano do Bairro Coroa do Meio, que apesar de apresentar linhas longas, a exemplo da Av. Santos Dumont, e depois da transformação a Av. Des. Antônio Góis e a Av. Delmiro Gouveia, o bairro se destaca pelo movimento interno do bairro, como podemos notar no mapa axial do bairro, figura 19, e a grande presença de linhas frias (tendente ao azul e verde) no seu interior.

Tais áreas segregadas são encontradas na configuração urbana em maior quantidade e cada vez está mais separadas do restante da cidade. Mesmo que não haja movimento suficiente em tais áreas, o que é normal em regiões residenciais.

Como já é esperado não há grande movimento em tais áreas, o que é alias normal nas áreas residenciais. Nas vias mais integradas desenvolvem-se o comércio.

As subcentralidades são reforçadas e os vãos urbanos intensificados pela verticalização, que passa a ficar mais evidentes na cidade, já efetivada nas áreas predominantemente mais abastadas, embora os bolsões periféricos ou

blocos urbanos sejam mantidos, pois parece fazer parte da cultura espacial de Aracaju: subcentros, com movimento e encontros intraurbanos.

O movimento interno nos bairros, revelados pela integração local, apresenta um novo potencial de estudo sintático espacial, possibilitando uma análise mais profunda sobre o tipo de configuração espacial adotada pelos projetistas e planejadores urbanos.

Os valores de integração local destacam certas vias urbanas, quando obtidos dentro do contexto geral da cidade, as quais acabam exercendo importante papel dentro do sistema intrabairro, verificados por meio da localização de comércio ou serviços, transformando-se no “foco” do movimento local.

Esta relação de movimento local bastante intenso nas vias do Bairro Coroa do Meio (Fig. 19) foi realmente constatado pela pesquisa e observações realizadas in locu.

A intenção do projeto do Coroa do Meio era criar uma área totalmente auto-suficiente, com uma estrutura que daria prioridade ao transporte coletivo, à infra-estrutura, equipamentos, serviços e moradia de maior densidade (residências multifamiliares ou apartamentos). E tinha com população esperada para compra dos maiores lotes ou apartamentos, famílias com renda entre 6 a 8 salários mínimos.

O loteamento foi totalmente financiado pelo governo para a comercialização destinada, inicialmente, ao déficit populacional. Entretanto, devido aos altos custos destinados das obras, como dispêndio de grande quantidade de aterro, ficou caracterizada para famílias com alta renda, como previsto o Aquiteto Jaime Lerner.

Tentou-se recuperar os prejuízos por meio de vendas de lotes para a camada de maior poder aquisitivo. No entanto, não houve demanda suficiente para a ocupação, e o bairro é tido como uma “iniciativa que não deu certo”. Além disso, a população ainda ficava receosa em adquirir imóveis no local, devido ao avanço das águas do mar que já destruíram, por erosão, a principal via que margeava o bairro.

Na integração global, o Bairro Coroa do Meio segue bastante segregado da cidade, sua causa mais óbvia foi à difícil acessibilidade, pois havia somente

dois acessos para o bairro (por uma ponte e outro dando a volta pelo Bairro Atalaia, o que aumenta em muito a distância percorrida).

No próximo capítulo as transformações urbanas e espaciais ficarão evidentes, por meio do destaque do mapa axial do Bairro Coroa do Meio.

3.4. Uma Leitura à Cidade

Cidade significa ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política. Assim, ser habitante de uma cidade significa participar de alguma forma de sua vida pública, regras e regulamentos desta cidade.

Para Lefebvre²⁴ o direito à cidade não se reduz somente a resolver os problemas de necessidade básica como habitação, saneamento, transporte entre outros, mas, além disso, é a busca da cidade como espaço a ser usado coletivamente, como um lugar da pluralidade, da simultaneidade, do encontro, do intercâmbio, da mistura social e funcional. É o direito a não ser excluído da centralidade e do movimento, é o direito de fazer parte do todo, de viver e de fazer da história da cidade.

No paradigma da Sintaxe Espacial, o meio ambiente construído não é tratado apenas como o fundo do comportamento humano, mas como produto e agente ativo construtor desse comportamento, e dessa forma, são encontradas relações claras entre o comportamento humano e o ambiente construído.

Uma forma de analisar como os processos sociais interagem com a configuração espacial da cidade, pode ser obtida pelos desdobramentos da Sintaxe Espacial em diversos níveis analíticos, são eles: padrão espacial (características unicamente do espaço), sistemas de encontros interpessoais

²⁴ Lefebvre, Henri. O Direito à Cidade. Tradução de T.C. Neto. São Paulo: Documento, 1968.

(presença de pessoas em locais públicos e privados) e características socioeconômicas gerais (e.g., economia, religião, cultura, etc.).²⁵

Segundo Holanda, muitas categorias analíticas têm sido propostas e efetivamente testadas em Sintaxe Espacial desde seus primórdios. Algumas dessas categorias são quantificáveis, outras podem ser tratadas somente por meio de uma abordagem qualitativa. Em alguns casos, isso pode se dar em virtude do nível de desenvolvimento da própria metodologia, em outros casos em razão da própria categoria que pode ser, por sua natureza, refratária a tratamentos quantitativos. Ele afirma, ainda, que o uso de todo o potencial de tais categorias, entretanto, depende da base de dados dos estudos de caso sob análise.²⁶

Mediante a confecção de mapa axiais, entrevistas, observações in locu e dados censitários foi revelado a situação socioeconômica das famílias e os atributos morfológicos de sua localização.

Nesta categoria de análise e através de mapas, podemos afirmar que essas famílias, por muitos anos viveram excluídas das partes mais acessíveis da configuração espacial de Aracaju, mediante a dificuldade de acessibilidade e do direito de ir e vir à cidade.

A exclusão sofrida pelas famílias, que a primeira vista parece estar, apenas, no contexto urbano, é desmentida ao analisarmos a Figura 20, abaixo, que nos revela também uma exclusão ao direito de uma residência digna com total infraestrutura.

²⁵ HOLANDA, Frederico de. O Espaço de Exceção. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. pag. 48

²⁶ HOLANDA, Frederico de. O Espaço de Exceção. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. pag. 96



Figura 20 – Ausência na configuração casa e rua

A relação de convívio íntimo, também é outro fator, que é bastante reduzido por meio da configuração urbana. As famílias viviam em barracos com pouca privacidade, o interior de suas residências, se misturam com as passarelas, que era o único acesso de locomoção de todos os moradores. Os espaços internos da residência, muitas vezes, se confundiam na ausência de espaços de lazer comum, onde as relações sociais e os encontros interpessoais costumam acontecer.

Porém estas afinidades criadas entre as famílias, à proximidade com os locais de trabalhos foram um grande incentivo no processo de reurbanização, à permanência das famílias no mesmo bairro.

São pessoas que têm sua realidade, sua economia, sua sustentabilidade vinculadas ao local, por meio de retirada de diversos mariscos para venda do mangue, como Carangueiro, sururu e etc.

Todas essas transformações urbanas e domésticas reforçam a ideia de urbanidade do lugar, por meio de relações de interior e exterior, como também da identificação das famílias com o novo local de moradia, revelado na Figura 21.



Figura 21 – Após a transformação Urbana, um novo local onde a relação interior e exterior fica melhor visível

Fonte: SEPLAN; 2006

Após as transformações urbanas ocorridas e a garantia da permanência das famílias no mesmo local pode-se criar um ambiente saudável, criados mediante identificação pelos projetistas de uma identidade do bairro. Afinal como afirma KOHLSDORF²⁷ às cidades falam. Contam-nos histórias e suas histórias, evocam nossas lembranças, despertam expectativas e nos convidam a dialogar com os lugares por onde passamos. A esse convite, respondemos por meio de emoções diversificadas.

A linguagem mais abrangente na cidade é falada pela forma física de seus lugares. Ainda que se mantenha limitada pela pluralidade de significados que é capaz de adquirir sempre que interpretada por alguém, a configuração dos espaços, oferecendo a todos, uma mesma visão. Assim, qualquer indivíduo apreende certas características morfológicas do lugar onde se encontra, a partir de informações sobre que lugar é aquele, orientando-o e identificando-se com ele.

Essa identidade com o “novo ambiente” perfaz o contexto local, afinal as famílias hoje passaram a ter um endereço e uma referência de residência digna com total infra-estrutura básica interna e externamente, além da integração do

²⁷ Kohlsdorf, Maria Elaine. Sobre a Identidade dos Lugares. Brasília. Fev. 1999

bairro à cidade de forma mais igualitária e acessível, após a abertura de uma das vias de acesso rápido ao bairro e ampliação de outra via já existente.

O próximo capítulo tratará especificamente este contexto de segregação socioespacial vivido pelas famílias residentes no Bairro Coroa do Meio.

CAPÍTULO IV.

Contexto da Segregação socioespacial do Bairro Coroa do Meio

As variações na configuração podem explicar diferentes processos sociais. Neste capítulo será abordada uma descrição social do Bairro Coroa do Meio, na busca de limitar relações tradicionalmente exploradas pela Sintaxe Espacial, ou seja, configuração X presença ou ausência de pessoas no espaço público.

4.1. A SEGREGAÇÃO

Arquitetos, urbanistas e planejadores ao interferirem no espaço, muitas vezes, não percebe as imputações sociais decorrentes.

De acordo com HILLIER²⁸, existe um grande problema que remanesce nos estudos de assentamentos urbanos: a cidade é continuamente entendida a partir do aspecto social ou físico, com sociólogos dedicados especialmente à primeira feição e arquitetos à segunda. Parece faltar, portanto, a conexão, ou uma “ponte”, HILLIER²⁹ afirma: “historicamente, o objetivo da sintaxe espacial foi construir a ponte entre a cidade humana e a cidade física”.

Hillier & Hanson³⁰, na sua *Lógica Social do Espaço*, demonstram que a organização espacial tem conteúdo social e que a organização social, por sua vez, tem um conteúdo espacial.

Alguns dos espaços morfológicos das cidades estão relacionados à desigualdade social e que tem em suas causas formas de organização da sociedade, na maneira com que se construiu um Estado Patrimonialista, em que se confundem o interesse público e o privado, nas dinâmicas de exploração dos trabalhos impostas pelas elites dominantes desde a colônia e, principalmente, no controle absoluto dessas elites sobre o processo de acesso a terra, tanto rural quanto urbana.

Em Aracaju, não é diferente, o Bairro Coroa do Meio é um exemplo disso, a segregação socioespacial está presente desde sua criação, pois nunca se pensou o bairro de forma a receber todas as camadas sociais, apenas as classes mais favorecidas financeiramente tinham vez no conceito do seu projeto. Com isso, dá-se uma inversão de prioridades de políticas que muitas vezes exclui em vez de incluir desintegra em vez de integrar, dificulta em vez

²⁸ HILLIER, Bill. Between social physics and phenomenology: explorations towards an urban synthesis. In: 5th INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 2005, Delft - Holanda. **Proceedings...** Delft: Section of Urban Renewal and Management / Faculty of Architecture / TU Delft, 2005, v. 1, p. 3-23.

²⁹ Idem a Referência 27

³⁰ HILLIER, Bill; HANSON, Julienne. *The Social Logic of Space*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

de facilitar, em especial quando se trata de atender as demandas das classes sociais mais baixas. O resultado disso é visível para todos: ilhas de riqueza e modernidade nas quais se acotovelam mansões, edifícios de última geração e shoppings-centers, que canalizam a quase totalidade dos recursos públicos. Para além desses bairros privilegiados, temos um mar de pobreza, cuja marca é a carência absoluta de investimentos, serviços públicos básicos e equipamentos comunitários.

Assim o aumento de invasões em terrenos circunvizinhos a áreas que possuem infra-estrutura é inevitável, gerando segregados núcleos urbanos, a invasão passa a configurar uma sucessão descontinuada de agrupamentos habitacionais, constituídos em espaços fragmentados e de difícil articulação. As invasões impõem nova forma de organização aos espaços.

Os lugares são carentes, quando não totalmente desprovidos, de espaços públicos, tais como praças, largos e áreas verdes e espaços destinadas aos usos institucionais, sem esquecer da ausência de infra-estrutura básica.

A nova periferia da cidade de Aracaju, a “invasão do Bairro Coroa do Meio é alimentada pelas pressões de urbanização, abriga uma categoria de pessoas com renda extremamente baixa, onde 53,35% recebem até 1 salário mínimo.

Sua população, antes da reurbanização, era de aproximadamente 5.773 habitantes, correspondente a 1,43% da população de Aracaju. Em 1996, ano do início dos trabalhos realizados pela Prefeitura Municipal de Aracaju no bairro, a população praticamente dobrou, elevando-se a 10.610, com percentual relativo de 2,47% do total da população da cidade.

Para chegarmos num índice que revelasse o ponto de vista destes moradores, em relação a seu convívio na área e como eles se viam no contexto de integração e uso da cidade, realizamos entrevistas *in locu*, além da busca por dados estatísticos e censitários que os classificassem por renda, sexo, idade, raça, etc. Além da busca por informações sobre a demografia, relevo, clima, etc. que nos convêm na ampliação da análise do espaço urbano.

Afinal a relação entre a configuração urbana descrita pela análise sintáticoespacial e as informações socioeconômicas obtidas, agregam para uma melhor compreensão dos processos urbanos, descrita pelas tabelas e

gráficos, abaixo, e posteriormente comparada às tabelas de evolução dos dados após a transformação urbana do bairro, na busca de respostas, que dêem sentido a esta dissertação.

Na análise da população, segundo o sexo, verifica-se um leve predomínio de mulheres nos dois decênios analisados, representando em 1995, 51,17% do total do Bairro (Tabela e Gráfico 01).

Tabela 01: Coroa do Meio: Distribuição da População Total por Sexo

	1991	1996
TOTAL	5.773	10.610
Homens	2.845	5.181
Mulheres	2.928	5.429
Densidade Demográfica		2.705,46

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

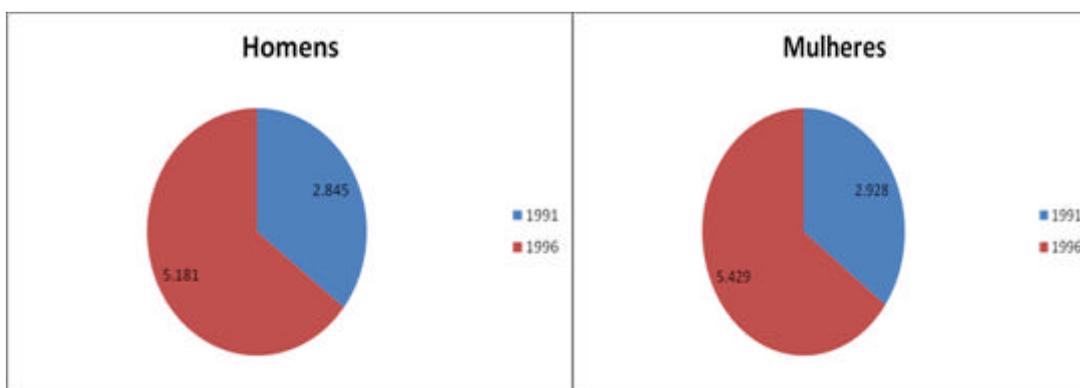


Gráfico 01: Coroa do Meio: Distribuição da População Total por Sexo

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

4.1.1. DIAGNÓSTICO SOCIAL DO BAIRRO COROA DO MEIO

Nogueira³¹ nos lembra que no estudo das populações, tanto no âmbito local, quanto no âmbito global, é necessário se utilizar de recursos numéricos ou dados estatísticos para quantificar os fenômenos demográficos, a estrutura e as condições de vida do contingente humano. Entre esses recursos, destacam-se os indicadores demográficos, as pirâmides etárias e os indicadores sociais. A partir deles podemos encontrar subsídios para possíveis soluções no campo do desenvolvimento de políticas econômicas e sociais.

Neste estudo da estrutura da população consideramos três categorias: número, sexo e idade dos habitantes na distribuição da População Economicamente Ativa (PEA) por setores econômicos; e distribuição da renda.

Os indicadores sociais são dados que mostram a qualidade de vida de uma população, ou seja, indicam as condições em que ela vive: se na pobreza, se tem necessidades básicas atendidas ou se goza de um bom padrão de vida.

Os principais indicadores sociais são o nível de saúde, o nível de instrução, e a renda média que compõem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

A partir desses dados levantados, na ocasião do início das obras, foi obtido um levantamento da estrutura da população e de alguns indicadores sociais.

³¹ Nogueira, Adriana Dantas. Patrimônio Arquitetônico e História Urbana: Ensaios sobre o Patrimônio Arquitetônico de Sergipe e sobre a estrutura sócioespacial de Aracaju. Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.

4.1.2. PERFIL SOCIOECONÔMICO

? Idade, sexo e tamanho da família

O Bairro Coroa do Meio totaliza 2.581 domicílios, perfazendo o número de 8.674 residentes. Os domicílios residenciais representam 90,39% (2.333 domicílios) e os comerciais 9,61 % (248 domicílios).

A estrutura da população mostra que 56,74% têm idade inferior a 25 anos, caracterizando-a como predominantemente jovem. O elevado percentual de crianças e adolescentes (40,09%) no conjunto da população indica a necessidade de educação envolvendo não só a escolarização formal, adquiridas nas instituições de ensino, mas, de forma indispensável o processo continuado de preparação para o futuro que se descortina va, a fim de reduzir a pobreza e as desigualdades sociais em suas diversas manifestações, conforme tabela e gráfico 02, abaixo.

Tabela 02: Distribuição da População por Faixa Etária

Faixa Etária	NA	%
Até 6	1.359	15,59
7 a 10	779	8,94
11 a 14	787	9,03
15 a 17	570	6,54
18 a 25	1.451	16,64
26 a 40	2.221	25,48
41 a 50	770	8,83
Acima de 50	684	7,85
Não Informado	96	1,1
TOTAL	8.717	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

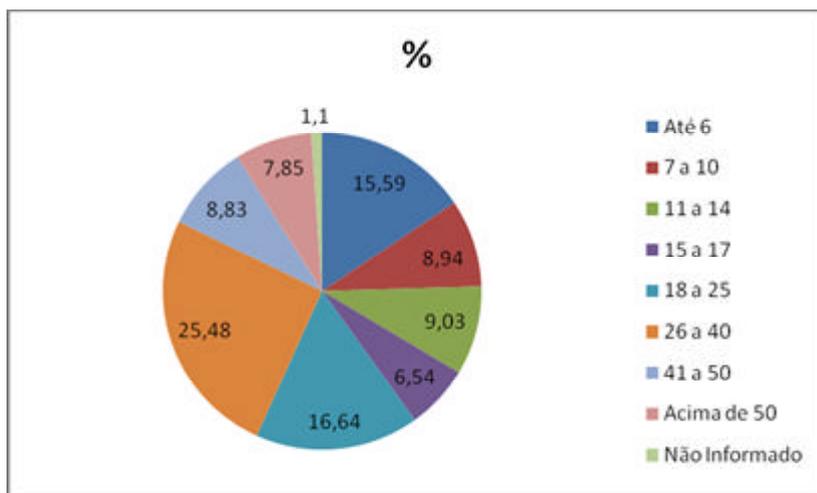


Gráfico 02 - Distribuição da População por Faixa Etária

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

No levantamento socioeconômico da área, se observa uma maioria dos chefes de famílias do sexo feminino (53%), com predomínio, ainda, de pessoas casadas (34,71%), os solteiros vêm em segundo lugar com 29,29%, conforme tabela e gráfico 03, a seguir.

Tabela 03: Chefes das Famílias, Segundo Sexo

SEXO	NA	%
Feminino	1.368	53
Masculino	1.213	47
Total	2.581	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

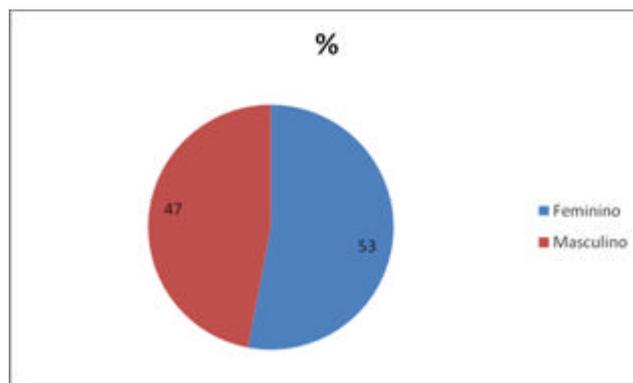


Gráfico 03: Chefes das Famílias, Segundo Sexo

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

Ao lado do caráter positivo vinculado à crescente integração da mulher ao mercado de trabalho, ainda que em condições salariais desiguais comparadas às dos homens, assiste-se a uma progressiva “feminização” da pobreza, em função do crescente número de famílias pobres chefiadas exclusivamente por mulheres, o que é decorrente do aumento das taxas de separação e divórcio, além de gravidez precoce. (Tabela e Gráfico 04)

Tabela 04: Chefes das Famílias Segundo Estado Civil

ESTADO CIVIL	NA	%
Casado	882	34,17
Solteiro	756	29,19
União Estável	595	23,05
Divorciado	139	5,39
Viúvo	99	3,64
Desquitado	68	2,63
Não Informado	42	1,63
Total	2.581	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

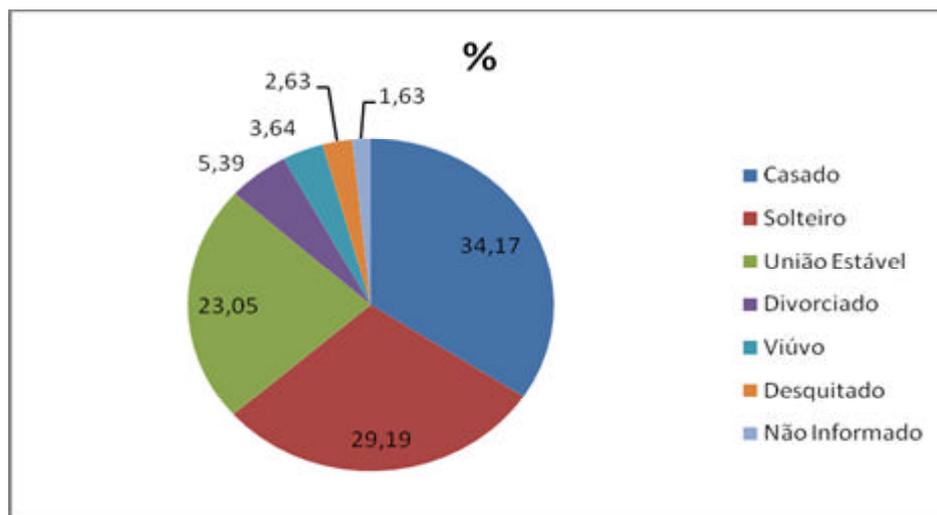


Gráfico 04: Chefes das Famílias Segundo Estado Civil

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

Quanto ao tamanho da família, conforme pode ser observado na Tabela e gráfico 05 predominam aquelas com três membros, que representam 22,01%, ou seja, em 568 domicílios, enquanto ocorrência de domicílios com 1 a 5 membros perfazem 67,3% do total das famílias. Tem-se que o tamanho médio da família é de aproximadamente 3 membros, número considerado pequeno em ocupações irregulares, nas quais segundo estimativas socioeconômicas, as famílias tem pelo menos 5 membros residentes em cada habitação.

Tabela 05: Quantidade de Residentes no domicílio

QUANTIDADE DE RESIDENTES NO DOMICÍLIO	NA	%
Apenas um	454	17,59
Dois	442	17,13
Três	568	22,01
Quatro	499	19,33
Cinco	342	13,25

Seis	137	5,31
Sete	54	2,09
Oito	47	1,82
Nove	16	0,62
Dez	10	0,39
Mais de Dez	12	0,46
Total	2581	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

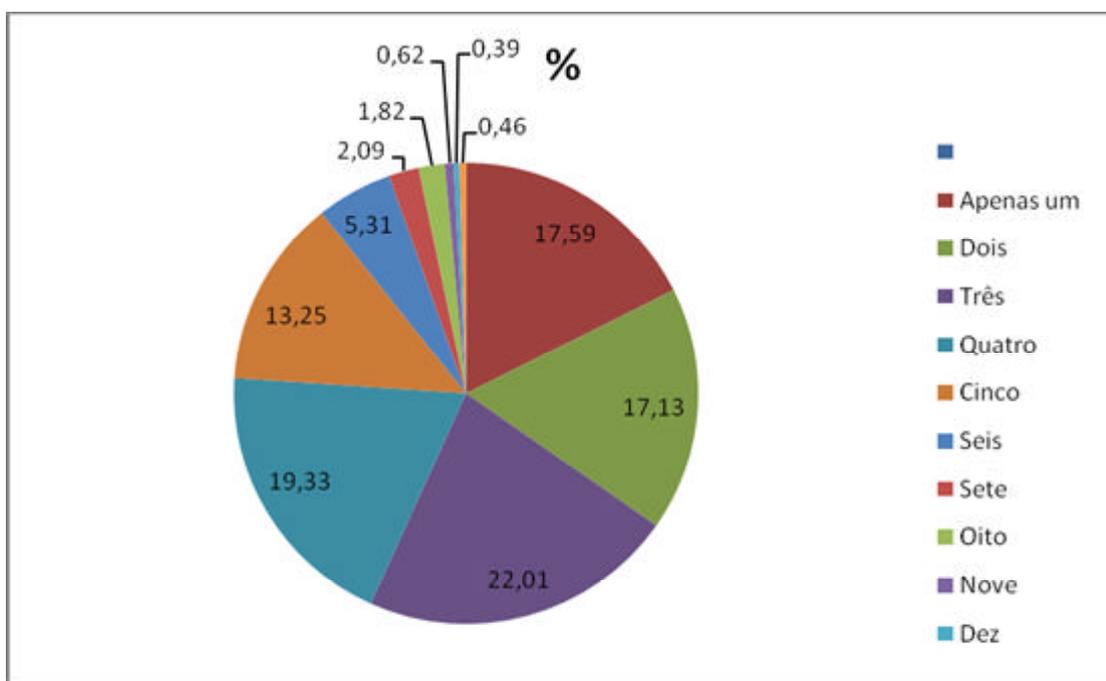


Gráfico 05: Quantidade de Residentes no domicílio

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

? Tempo de Residência das Famílias no Bairro

Apesar de a ocupação remontar a década de 70, os dados do cadastramento evidenciaram que uma parcela relativamente pequena das famílias, 26,50%, residem há mais tempo no local, exatamente há mais de 10 anos, conforme Tabela e Gráfico 06.

Tabela 06: Tempo de residência das Famílias

TEMPO DE RESIDÊNCIA (ANOS)	NA	%
Menos de 1	357	13,83
De 1 a 3	498	19,29
De 3 a 5	541	17,47
De 5 a 7	323	12,51
De 7 a 10 anos	238	9,22
Mais de 10	684	26,50
Não Informado	30	1,16
Total	2.581	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

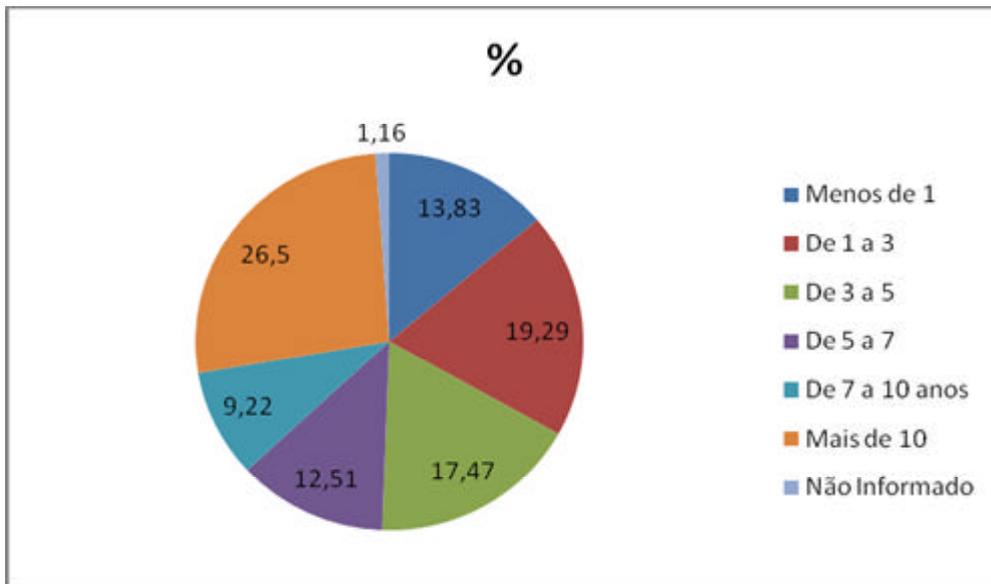


Gráfico 06: Tempo de residência das Famílias

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

Por outro lado, aproximadamente metade das famílias, ou seja, 50,60% residem entre 1 a 5 anos no bairro, com destaque para a faixa de 1 a 3 anos, que representa 19,30% do total, o que aponta para uma ocupação relativamente consolidada, principalmente se os dados forem cruzados com a situação de moradia das famílias. Observando a Tabela e Gráfico 07, tem-se que mais de 50% dos domicílios pertencem ao primeiro proprietário.

Tabela 07: Situação de Moradia das Famílias

SITUAÇÃO DE MORADIA	NA	%
1º Proprietário	1.343	52,03

Comparada	723	28,01
Alugada	289	11,20
Cedida	187	7,25
Não Informada	39	1,51
Total	2.581	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

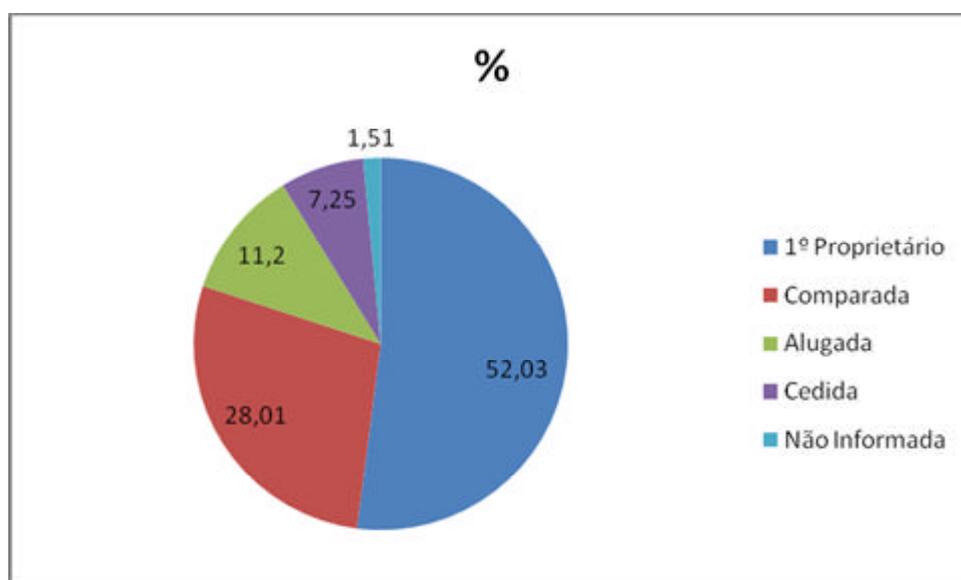


Gráfico 07: Situação de Moradia das Famílias

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

? Nível de Instrução

A tabela e o Gráfico 08 revelam o nível de instrução atingido pela população total, onde 57,61% possuem o 1º grau incompleto, o que demonstra um esforço de superação do analfabetismo e ao mesmo tempo aponta para a necessidade de maior investimento no setor educacional, tendo em vista as exigências para inserção no mercado de trabalho, seja formal ou informal.

Tabela 08: Distribuição da População por Nível de Instrução

NÍVEL DE INSTRUÇÃO		NA	%
Criança de 0 a 6 anos		1.359	15,59
Não Alfabetizado		579	6,64
1º Grau Incompleto		5.022	57,61
1º Grau Completo		414	4,75
2º Grau Incompleto		476	5,46
2º Grau Completo		603	6,92
3º Grau Incompleto		99	1,14
3º Grau Completo		97	1,11
Curso	Técnico	14	0,16
Incompleto			
Curso	Técnico	54	0,62
Completo			
Total		8.717	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

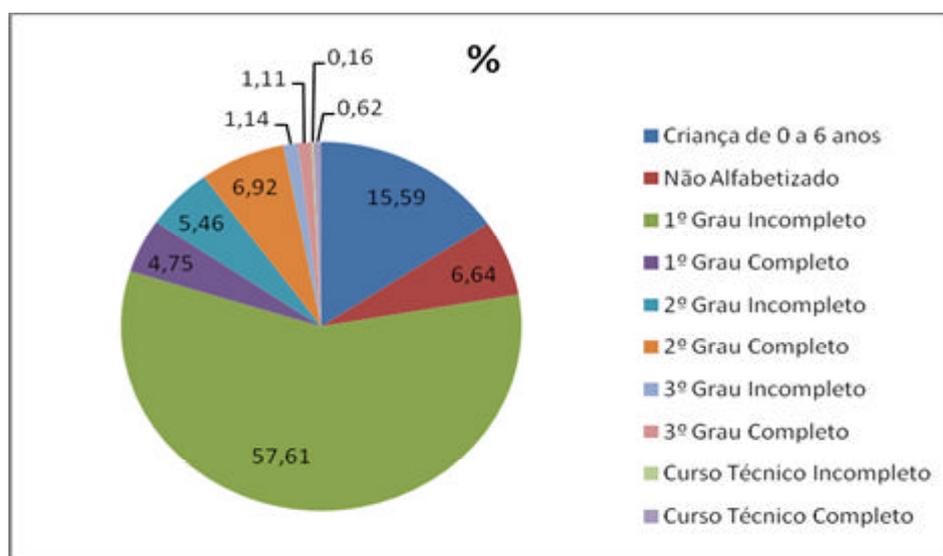


Tabela 08: Distribuição da População por Nível de Instrução

Fonte: IBGE Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

? Distribuição da População Economicamente Ativa por Ocupação

Nos censos demográficos é considerada PEA (População Economicamente Ativa) apenas a parcela dos trabalhadores que fazem parte da economia formal.

Na área da Invasão da Coroa do Meio 90, 69% (5.242) da PEA não possuem carteira de trabalho assinada. Constata-se, porém que o número de pessoas que trabalha é superior a 50% (5.242), ou seja, 25% de assalariados somados a 27% de trabalhadores autônomos, que se exprime por um total de 5.780 pessoas. Assim, quanto mais alto o índice de subemprego, menor a credibilidade dos dados referentes à População Economicamente Ativa (PEA), como revelam a Tabela e o Gráfico 09.

Tabela 09: Distribuição da PEA, segundo Condições de Ocupação

CARTEIRA ASSINADA	NA	%
Não Possui	5.242	90,69
Possui	538	9,31
Total	5.780	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

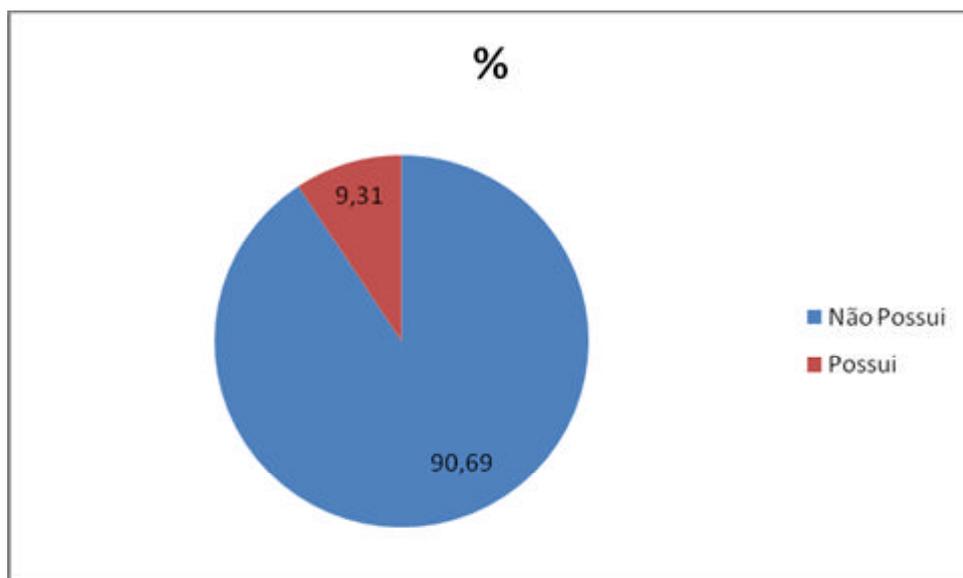


Gráfico 09: Distribuição da PEA, segundo Condições de Ocupação

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

Os desempregados representam 43,13% (2.493) da PEA e apenas 25,35% (1.465), são assalariados, conforme mostra a Tabela e gráfico 09, reiterando as características de informalidade no mercado de trabalho das populações de baixa renda, em que a maior parcela desta, cerca de 45,83%, situam-se nos setores de serviços e comércio, de acordo com a Tabela e Gráfico 10.

Tabela 10: Situação Ocupacional da PEA

SITUAÇÃO	NA	%
Desempregado	2.493	43,13
Autônomo	1.537	26,59
Assalariado	1.465	25,35
Aposentado	285	4,93
Total	5.780	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

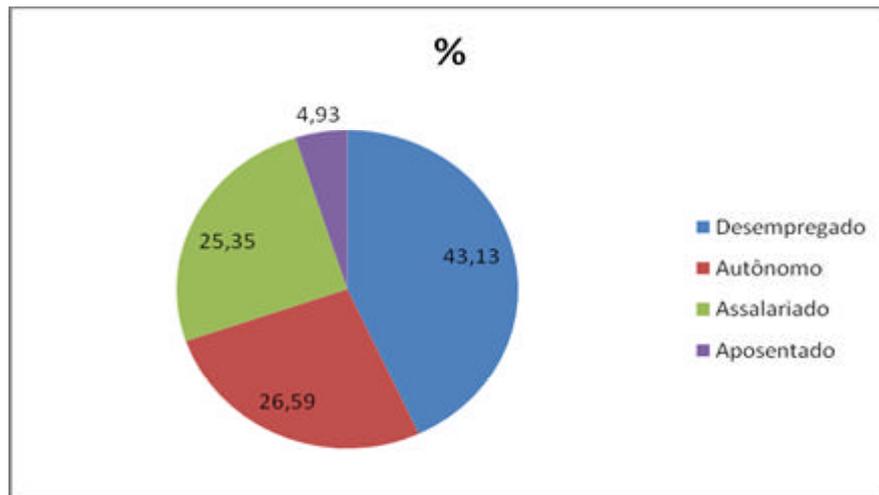


Gráfico 10: Situação Ocupacional da PEA

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

Dentre o leque de habilidade para o trabalho dos chefes de família, destaca-se a preponderância daquelas ligadas à baixa ou nenhuma qualificação, como a produção de alimentos, serviços autônomos e micro-empresendedores informais, especialmente a produção de comida caseira e doces, que em geral, são comercializadas na orla da praia de Atalaia, além de atividades de construção civil, corte e costura, pintura residencial etc. (Tabela e Gráfico 11).

Tabela 11: Distribuição da PEA, por ramos de atividade

RAMO DE ATIVIDADE	NA	%
Pesca	85	1,47
Indústria	114	1,97
Serviço Público	279	4,83
Comércio	757	13,10
Serviços	1.892	32,73
Outros	2.653	45,90
Total	5.780	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

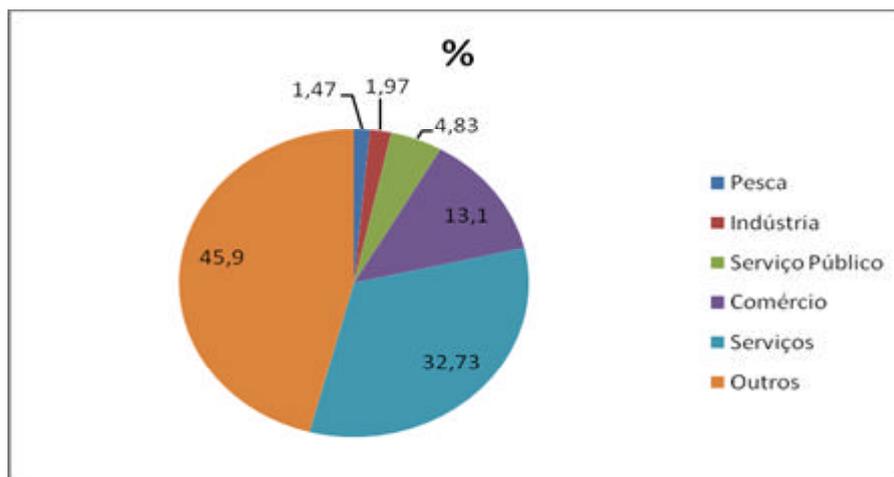


Gráfico 11: Distribuição da PEA, por ramos de atividade

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

? Renda Familiar

Quanto o nível de renda, os resultados expressam uma característica comum aos assentamentos subnormais, famílias com rendimento mensal pequeno, devido ao baixo nível de escolaridade e condições precárias de inserção no mercado de trabalho. Observou-se que cerca de 53,35% das famílias recebem até 1 salário mínimo ao mês, onde a renda familiar, aqui apresentada, inclui todo o tipo de rendimento como salário, pensão, aposentadoria entre outros rendimentos. Além disso, predomina apenas um trabalhador por domicílio, ou seja, cerca de 60,0% do total das famílias (1.544) sobrevive com a renda de apenas um provedor (Tabela e gráfico 12).

Tabela 12: Distribuição das Famílias Segundo Classes de Renda

NÍVEL DE RENDA	NA	%
Até 1	1.377	53,35
De 2 a 3	618	23,94

De 3 a 4	239	9,26
De 4 a 5	217	8,41
De 5 a 10	105	4,07
De 10 a 20	20	0,77
Acima de 20	05	0,19
Total	2.581	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

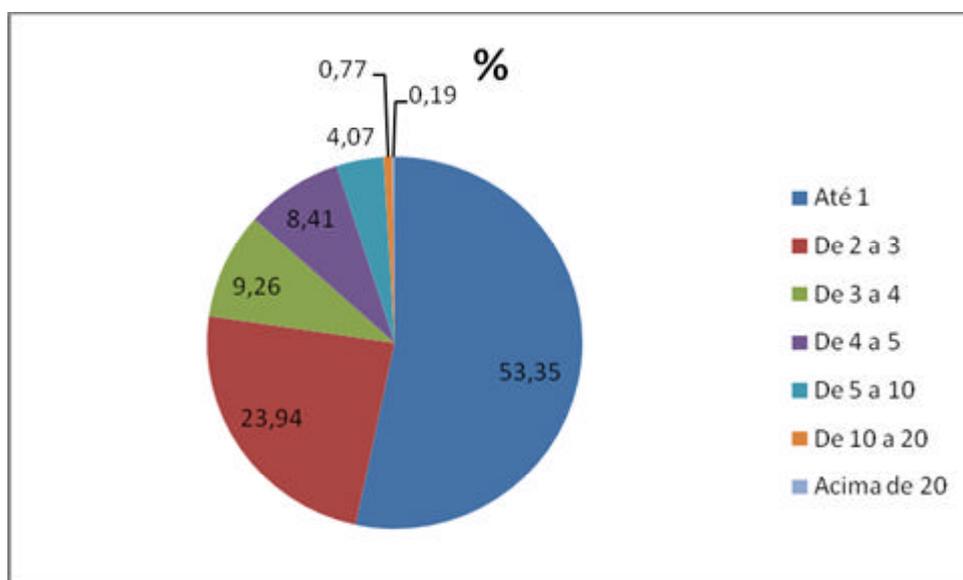


Gráfico 12: Distribuição das Famílias Segundo Classes de Renda

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

O baixo nível de renda, além de comprometer o consumo das famílias, especialmente, na compra de produtos alimentícios, afeta também o exercício da cidadania no que tange aos seus direitos e, principalmente, aos seus deveres. Os dados revelaram que as famílias acabam adotando alguma estratégia de fuga ao pagamento de serviços como água, energia elétrica e impostos, tendo em vista que estes comprometeriam significativa a parcela de

seus orçamentos domésticos, em especial, daqueles que já pagam aluguel. Os dados das Tabelas e gráficos 13 a 16 mostram o total das famílias que pagam água, energia elétrica, impostos (IPTU) e aluguel e sua média de gastos com cada um, respectivamente.

Tabela 13: Número de Trabalhadores por Domicílios

QUANTIDADE DE TRABALHADORES NO DOMICÍLIO	NA	%
Não Informado	346	13,42
Apenas Um	1.544	59,89
Dois	564	21,88
Três	93	3,61
Quatro	18	0,70
Cinco	10	0,39
Mais de Cinco	03	0,12
Total	2.578	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

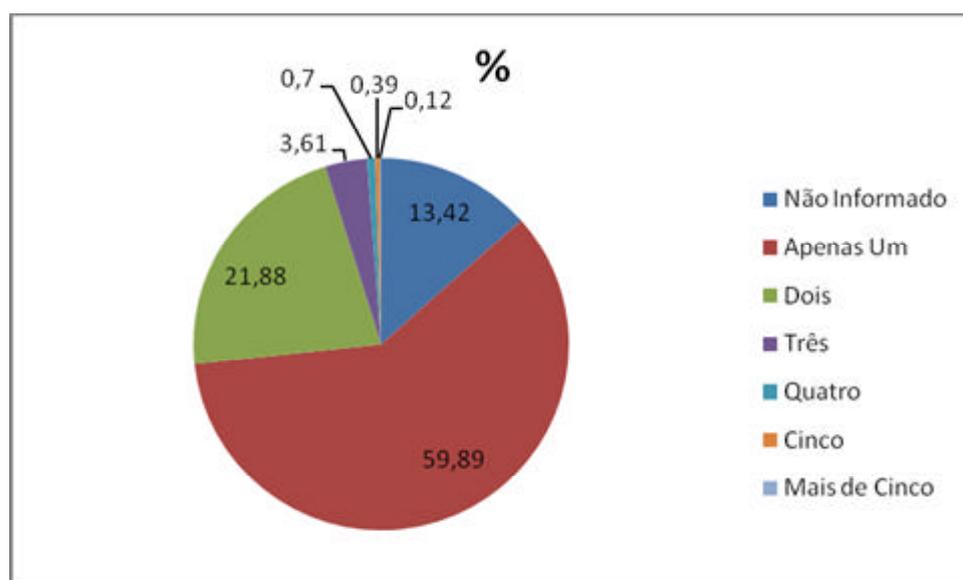


Gráfico 13: Número de Trabalhadores por Domicílios

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

Tabela 14: Gastos das Famílias com Pagamento de Água

GASTOS DAS FAMÍLIAS	NA	%
R\$ 1,00 a R\$ 50,00	1.593	97,00
R\$ 51,00 a R\$ 100,00	49	3,00
Total	1.642	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

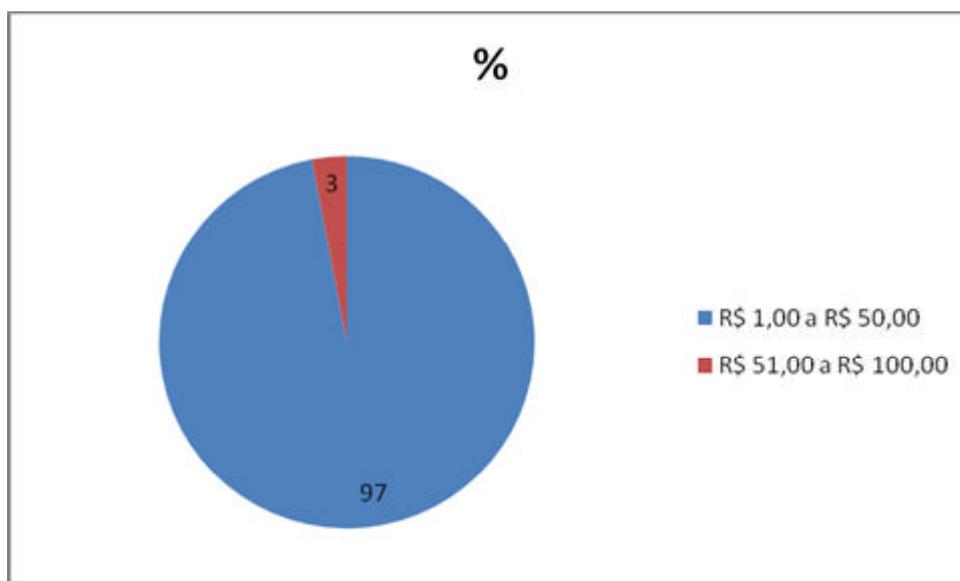


Gráfico 14: Gastos das Famílias com Pagamento de Água

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

Tabela 15: Gastos das Famílias com Pagamento de Energia Elétrica

GASTOS DAS FAMÍLIAS	NA	%
R\$ 1,00 a R\$ 50,00	1.332	87,00
R\$ 51,00 a R\$ 100,00	153	10,00
R\$ 101,00 a R\$ 200,00	46	3,00
Total	1.531	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

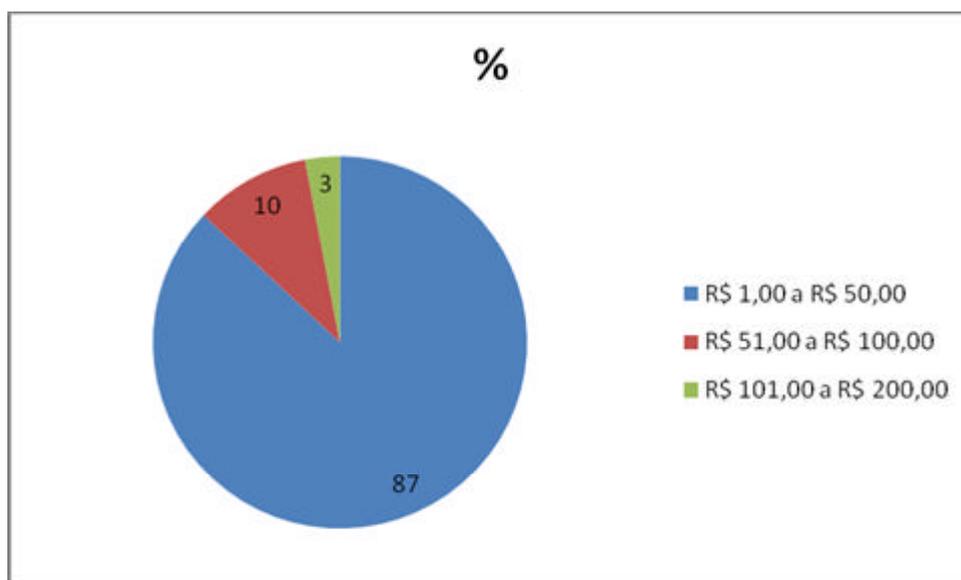


Gráfico 15: Gastos das Famílias com Pagamento de Energia Elétrica

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

Tabela 16: Gastos das Famílias com Pagamento de IPTU

GASTOS DAS FAMÍLIAS	NA	%
R\$ 1,00 a R\$ 50,00	104	17,00
R\$ 51,00 a R\$ 100,00	158	26,00
R\$ 101,00 a R\$ 200,00	225	37,00
Acima de R\$ 200,00	122	20,00
Total	609	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

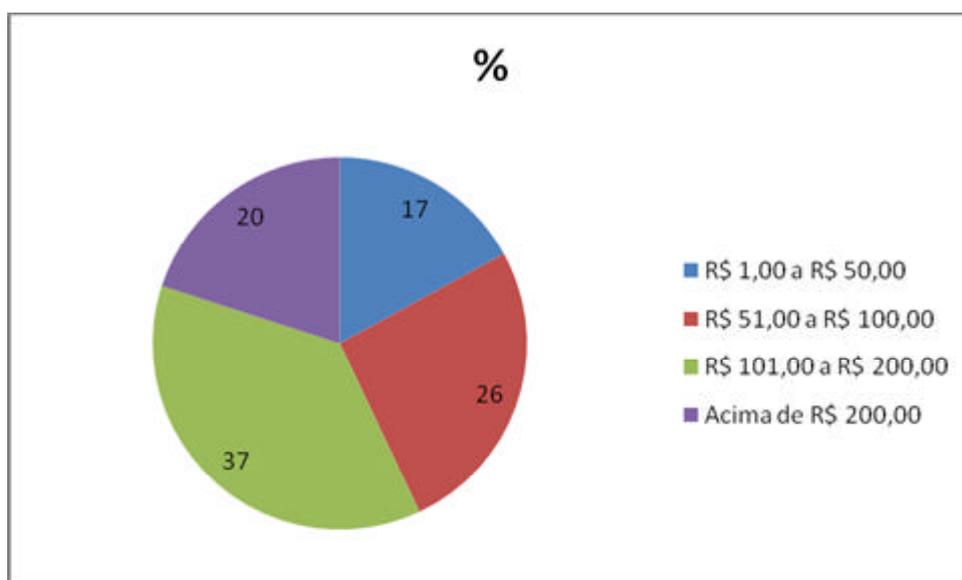


Gráfico 16: Gastos das Famílias com Pagamento de IPTU

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

A Tabela e Gráfico 17 mostram que para a maioria das famílias, que recebem até um salário mínimo, esses gastos chegam a comprometer até quase 1/3 de seus orçamentos com o pagamento de aluguel.

Tabela 17: Gastos das Famílias com Pagamento de Aluguel

GASTOS DAS FAMÍLIAS	NA	%
R\$ 1,00 a R\$ 50,00	09	3,00
R\$ 51,00 a R\$ 100,00	92	32,00
R\$ 101,00 a R\$ 200,00	142	49,00
Acima de R\$ 200,00	46	16,00
Total	289	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

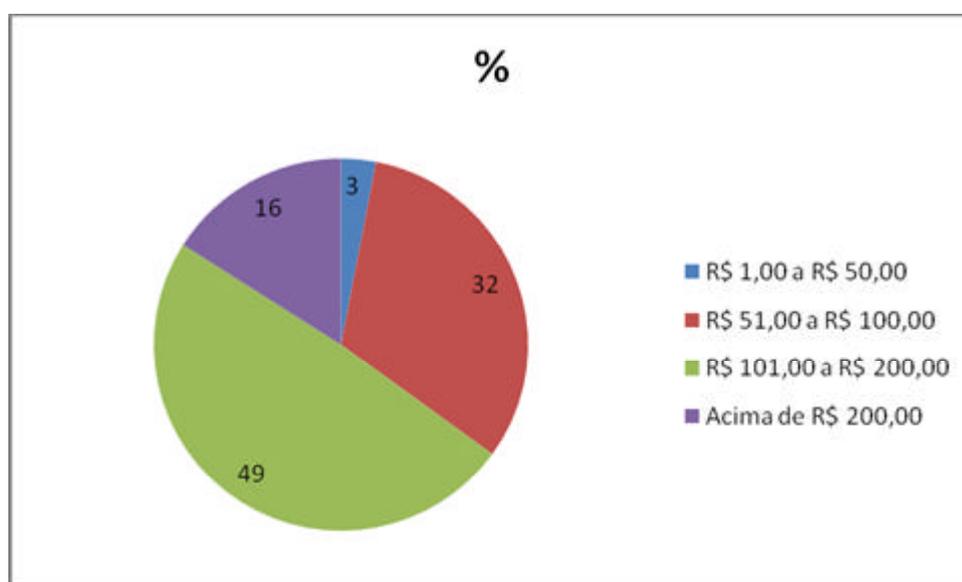


Gráfico 17: Gastos das Famílias com Pagamento de Aluguel

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

? Condições de Moradia

Um aspecto de importância básica em relação à tipologia das habitações na área é a predominância de casas de alvenaria (1947), ou seja, 75,44% embora apresentem condições precárias de habitabilidade. Os 24,56% (634 domicílios) restantes correspondem às casas de madeira, taipa, misto, papelão e outros, conforme Tabela e Gráfico 18.

Tabela 18: Distribuição das Famílias Segundo Tipos de Moradia

TIPO DE MADEIRA	NA	%
Alvenaria	1.947	75,44
Madeira	435	16,85
Outros	100	3,87
Taipa	77	2,98
Misto	17	0,66
Papelão	5	0,19
Total	2.581	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

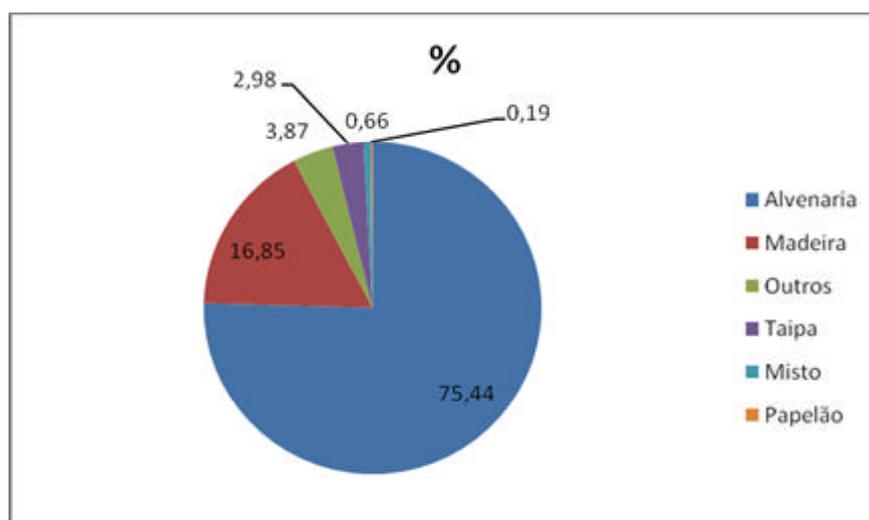


Tabela 18: Distribuição das Famílias Segundo Tipos de Moradia

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

É importante observar que apesar de a maioria das moradias serem de alvenaria, tem-se que 37,0% (955) possuem de 5 a mais cômodos, contrastando com 31,93% que possuem até dois cômodos, ou seja, são 824 residências onde cozinha, quarto e demais dependências se misturam. Além disso, os dados mostraram ainda que 352 dessas residências também não possuam banheiros, tornando-a uma habitação precária, o que pode ser visualizado nas Tabelas e Gráficos 19 e 20.

Tabela 19: Quantidade de Cômodos nas Moradias

QUANTIDADE	NA	%
De 1 a 2	824	31,93
De 3 a 4	741	28,71
De 5 a mais	955	37,00
Não Informado	61	2,36
Total	2.581	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

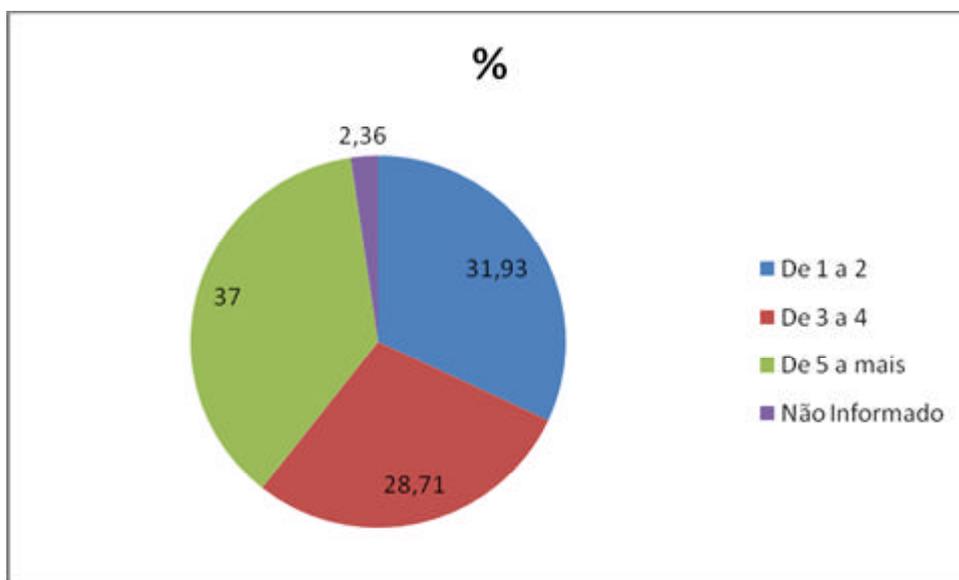


Gráfico 19: Quantidade de Cômodos nas Moradias

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

Tabela 20: Quantidade de Banheiros nas Moradias

QUANTIDADE	NA	%
Não possui	352	13,64
Um	1.826	70,75
Dois	277	10,73
Mais de dois	126	4,88
Total	2.581	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

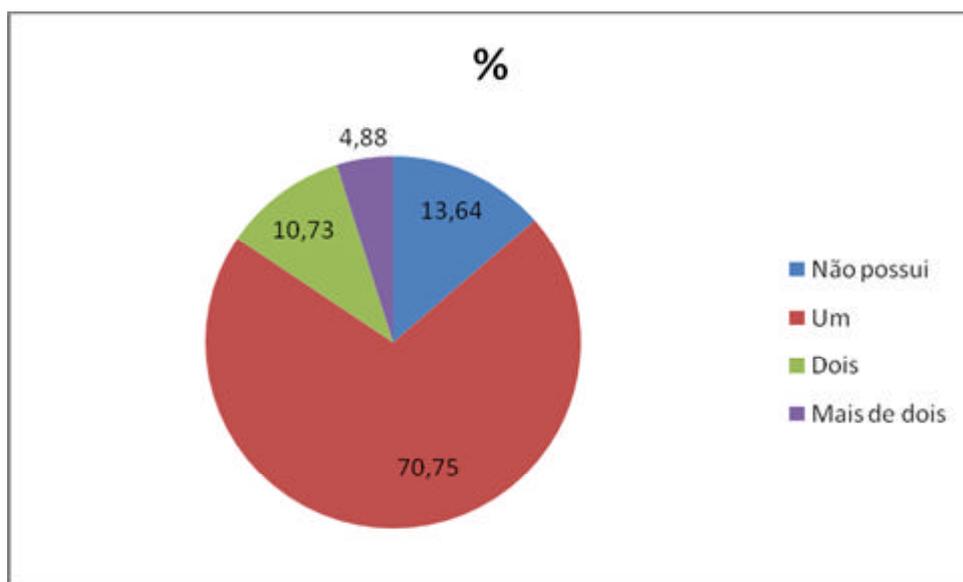


Gráfico 20: Quantidade de Banheiros nas Moradias

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

? Características de Infraestrutura

Nem todos os serviços públicos municipais acompanharam o rápido incremento populacional verificado na última década em Aracaju, sendo subdimensionados, principalmente no que se refere ao esgotamento sanitário, onde apenas 535 domicílios são atendidos na ocupação irregular, e, além disso, 925 domicílios (35,84%) se utilizam de valas como escoadouro, o que demonstra necessidade de saneamento emergencial, de acordo com a Tabela e Gráfico 21. Por outro lado, a natureza dos domicílios tornam-se inadequados para acessar os referidos serviços.

Tabela 21: Domicílios Segundo o Escoadouro dos Banheiros

TIPO	NA	%
Vala	925	35,84
Fossa Rudimentar	598	23,17
Rede de Esgoto	535	20,73
Fossa Séptica	523	20,26
Total	2.581	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

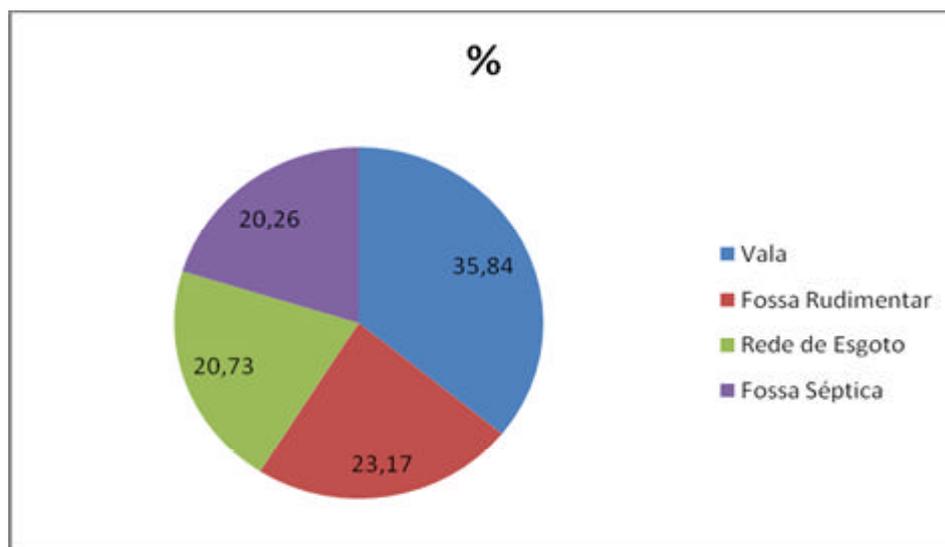


Gráfico 21: Domicílios Segundo o Escoadouro dos Banheiros

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

Uma análise dos dados permite ainda verificar que mais da metade dos domicílios são atendidos por serviços básicos de abastecimento de água (1.642 domicílios) e de energia elétrica (1.531 domicílios). Ocorre ainda que mais de 30% dos domicílios se utilizam clandestinamente desses serviços e apenas menos de 4% não possuem. (Tabela e Gráfico 22)

Tabela 22: Domicílios Segundo Abastecimento de Água

TIPO	NA	%
Regularizado	1.642	63,62
Clandestina	824	31,93
Não possui	96	3,72
Poço	19	0,74
Total	2.581	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

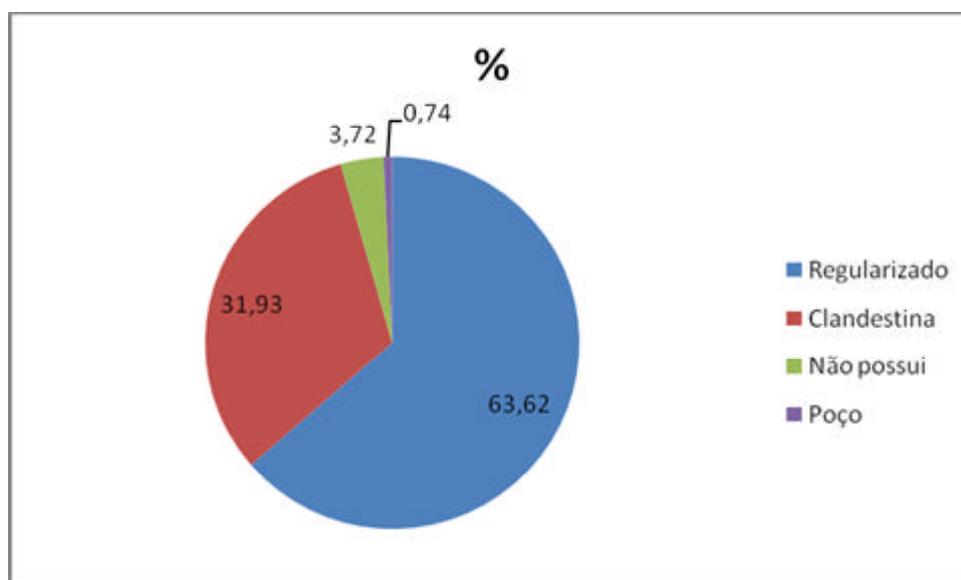


Gráfico 22: Domicílios Segundo Abastecimento de Água

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

Diante da consolidação dos indicadores socioeconômicos, apresentado acima, do Bairro Coroa do Meio podemos detectar que a condição de moradia da

população era de extrema precariedade. As famílias mereciam prioridade máxima na busca de uma transformação, aonde a qualidade de vida digna com acesso à educação, saúde, a infra-estrutura básica, bem como a geração de emprego e renda viessem a ser uma conquista dos direitos a cidadania.

Longe da infra-estrutura, do comércio e do mercado de trabalho os moradores se vêem marginalizados da comunidade maior que é a própria cidade. Com a inserção destes direitos básicos, que compõem o objeto do projeto de transformação urbana e social do Bairro Coroa do Meio, espera-se que às famílias passem a fazer parte da chamada “cidade legal”.

O projeto UAS Coroa do Meio foi composto por módulos de urbanização, de habitação, de serviços sociais e urbanos, de geração de emprego e renda, de educação ambiental e preservação do manguezal, melhor acessibilidade ao bairro por meio da construção de uma nova via que também serve de delimitação do mangue e ampliação de outra via.

Além disso, incluiu a construção de 600 unidades habitacionais a serem construídas na mesma área, reforma e ampliação de creche, reforma de escolas, postos de saúde, ampliação da rede de água, esgoto, iluminação pública, pavimentação, drenagem de vias, construção de equipamentos comunitários, módulo policial, parque infantil, ciclovia, quadra de esporte, como também a regularização fundiária de residências que possuíam boas condições de habitabilidade. O detalhamento do projeto e sua análise quanto a Sintaxe Espacial serão analisados no próximo capítulo.

CAPÍTULO V.

O Projeto Coroa do Meio

A cidade é transformada e o planejamento das ações estabelece um novo parâmetro para guiar as políticas e projetos urbanos, a partir de diretrizes socioeconômicas, na busca de otimização na sua execução. Neste capítulo será relatado um exemplo de projeto urbano que trouxe impacto imediato e direto às famílias que vivem no Bairro Coroa do Meio.

5.1. TRANSFORMAÇÃO URBANA E SOCIAL

Conjuntos habitacionais executados sem qualquer infra-estrutura básica e a não garantia dos direitos sociais são resultantes de segregação social moderna em que a dualidade da cidade formal e informal, representa a posição das classes sociais e dos gradientes de riqueza e ou pobreza na expressão urbana. A construção de casas em conjuntos, muitas vezes construídas sem qualquer infra-estrutura, representa mais uma resposta no cumprimento do anúncio de um discurso ideológico, do que uma busca por soluções de problemas habitacionais.

De acordo com Holanda³², o conceito de “Lógica Social” diz respeito à maneira como a configuração física e encontros sociais relacionam-se também a igualdade e desigualdade social, a um sistema de poder. Sociedades mais desiguais associam-se a certos atributos espaciais e a sistemas de encontro, não a outros.

Como já foi dito anteriormente, Hillier afirma em sua teoria que parte do convívio social, do movimento, da localização das atividades está intimamente ligada à acessibilidade intrínseca na configuração da malha viária de uma cidade.

A abertura da nova via urbana servirá para integrar o Bairro Coroa do Meio ao sistema viário, já existente na cidade, além de servir para conter a invasão ao mangue, dando assim uma nova forma e limitação ao bairro.

Assim diversos órgãos públicos, consolidado pelo Termo de Ajuste de Conduta assinado junto ao Ministério Público Federal, determinou uma linha limite de ocupação, demarcada por uma via de contenção e circulação, a partir da qual nenhuma ocupação seria mais tolerada, havendo a remoção das existentes para as áreas resultantes dos aterros e terrenos ainda não ocupadas nas quadras. (Figura 22 e Figura 23)

³² HOLANDA, Frederico de (org.). *Arquitetura & Urbanidade*. São Paulo: Proeditores Associados Ltda., 2003. P.15



Figura 22 – Via de Contenção para Preservação do Mangue

Fonte: SEPLAN,2004



Figura 23 - Nova Delimitação do Bairro, após construção da Av. e via de contenção

Fonte: SEPLAN, 2005

Foram então definidos, essencialmente dois níveis de transformação:

- ? Transformação Urbana: além da construção da via de contenção, denominada Av. Perimetral e a ampliação da Av. Delmiro Gouveia, que iram melhorar sensivelmente a acessibilidade do bairro a toda a cidade, o projeto também prevê a construção e reforma de escola, construção de Centro de Referência da Assistência Social, Posto de Saúde, Praça, drenagem e pavimentação de vias secundárias, construção de um museu denominado “Museu do Mangue”, onde será mostrada a realidade um dia existente naquele local, construção e reforma de creches, além da retirada de 650 palafitas e a remoção das famílias para casas construídas com dignidade e total infra-estrutura urbana. (Figura 24 e figura 25)



Figura 24 – Av. Perimetral, com pista de ciclismo

Fonte: SEPLAN, 2006



Figura 25 – Centro de Referência da Assistência Social

Fonte: SEPLAN, 2006

A nova habitação totaliza uma área de 36 m², composta por um quarto, sala, cozinha, banheiro, situada num lote de 144 m², como mostra a Figura 26 abaixo.

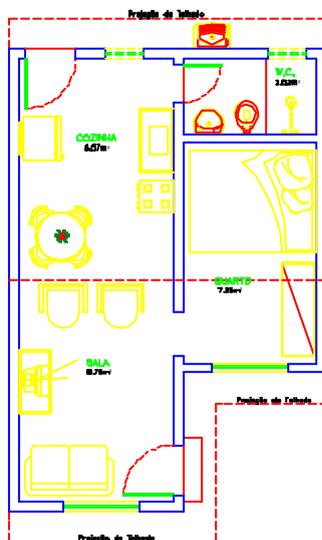


Figura 26 - Projeto de residência padrão

Fonte: SEPLAN, 2002

? Transformação Social: foi elaborado o cadastro socioeconômico de todos os moradores das palafitas e residências que englobava o perímetro das obras, onde foram cadastradas 650 famílias.

Durante a execução, foi previsto também a elaboração de cursos voltados à geração de emprego e renda, higiene sanitária pessoal entre outros, com o objetivo de preparar a família para uma “nova vida” de formalidades legais, onde não apenas os direitos serão legados, mas também os deveres serão cobrados. (Figura 27)



Figura 27 – Curso realizados para comunidade

Fonte: SEPLAN, 2003

Essas transformações sociais darão origem a novas necessidades, ligadas à responsabilidade social e à realização da pessoa humana na qualidade de participante da sociedade. (Figura 28 e figura 29)



Figura 28 – “Residências” antes da Transformação espacial

Fonte: SEPLAN, 2000



Figura 29 – Residências após as Transformações Espacial e social do bairro

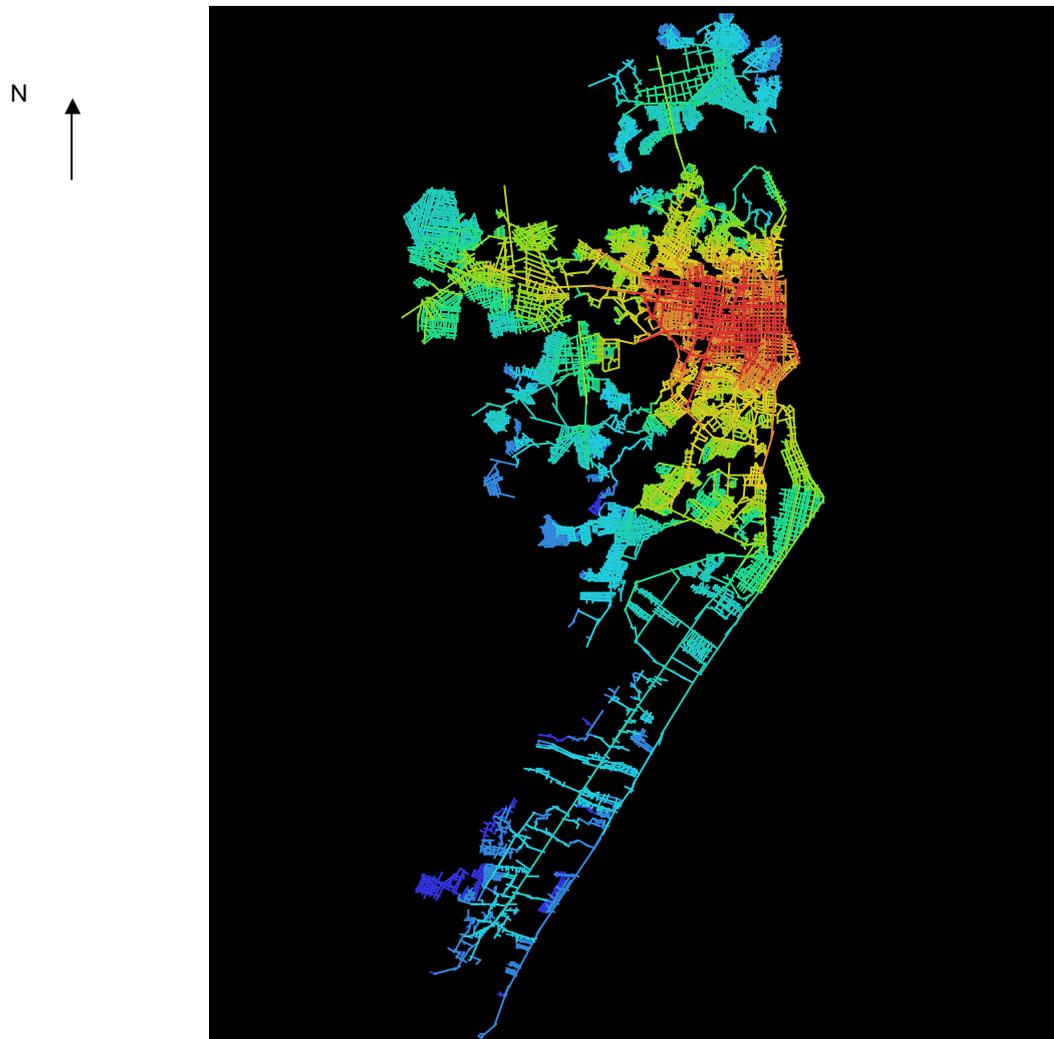
Fonte: SEPLAN, 2005

O projeto de reurbanização englobou também a construção de espaços públicos e privados delimitados e transformações do espaço doméstico, reforçando a urbanidade do lugar.

Como lembra Holanda³³ à possibilidade de bem absorver as transformações com o tempo, sem custos elevados, é característica positiva de projetos urbanos.

³³ HOLANDA, Frederico de (org.). *Arquitetura & Urbanidade*. São Paulo: Proeditores Associados Ltda., 2003.

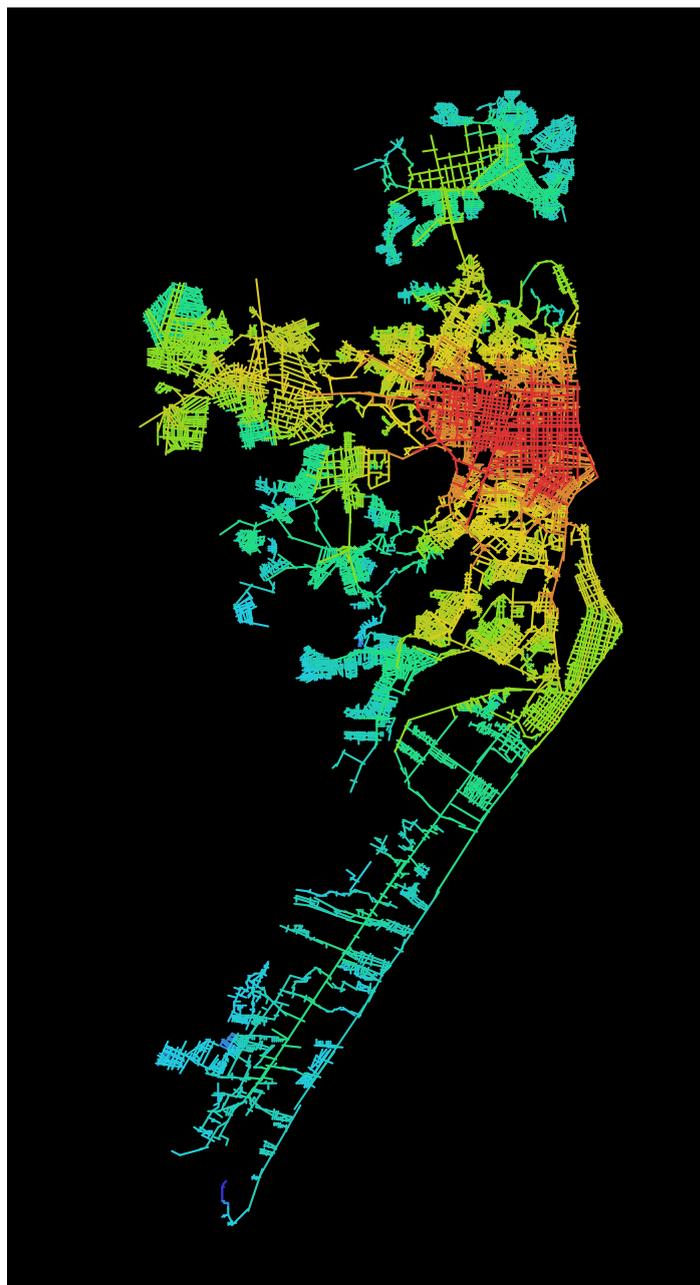
Essas transformações urbanas resultaram numa melhoria significativa no contexto Urbano destas famílias que foi refletido diretamente numa melhoria do contexto socioeconômico, como revela o novo mapa axial, abaixo, mediante a presença no bairro de cores mais fortes, tendentes ao laranja. (Figura 30 e 31)



LEGENDA (Nível Médio de Integração)

- 1.058 - 1.178
- 1.655 - 1.775
- 2.014 - 2.133
- 2.372 - 2.492

Figura 30 - Mapa Axial Grande Aracaju – antes Transformação Urbana do Bairro Coroa do Meio



LEGENDA (Nível Médio de Integração)

- 1.058 - 1.178
- 1.655 - 1.775
- 2.014 - 2.133
- 2.372 - 2.492

Figura 31 - Mapa Axial Grande Aracaju – após Transformação Urbana do Bairro Coroa do Meio - 2009

Após análise dos mapas axiais, podemos alegar que o Bairro Coroa do Meio, antes da transformação urbana apresentava pouca permeabilidade urbana. Sua configuração delimitava-se pelo mangue de um lado, e pelo mar, do outro resultando num ambiente pouco acessível.

Esta inacessibilidade era agravada no espaço da “invasão”, onde seu acesso era dado por tiras de madeiras suspensas sobre o mangue, onde apenas uma pessoa conseguia caminhar de cada vez.

O Bairro Coroa do Meio ganhou mais um acesso direto a seu interior através da Av. Perimetral com 18 metros de largura e melhorou significativamente o outro acesso feito pela Av. Delmiro Gouveia que trouxe além de sua ampliação uma nova iluminação deixando à comunidade do bairro mais segurança e a todos os moradores da cidade que a utilizam para acesso as praias.

Estas transformações podem ser visualizadas diretamente no mapa axial do bairro, figura 31, que apresentou linhas mais fortes (tons de vermelhas, laranjas) comparadas ao mapa axial feito antes da transformação, figura 30.

Utilizando o recurso do recorte e destacando o mapa do Bairro Coroa do Meio, percebemos a mudança na coloração de suas linhas axiais, o que reforça a ideia da melhoria na acessibilidade do bairro em relação ao sistema viário da cidade de Aracaju, como um todo. (Figura 32 e 33)

LEGENDA (Nível Médio de Integração)

— 1.058 - 1.178

— 1.655 - 1.775

— 2.014 - 2.133

— 2.372 - 2.492



Figura 32 – Zoom do Mapa Axial do bairro - antes da transformação

LEGENDA (Nível Médio de Integração)

— 1.058 - 1.178

— 1.655 - 1.775

— 2.014 - 2.133

— 2.372 - 2.492

Figura 33 - Zoom do Mapa Axial do bairro - após a transformação



O urbanismo cria novas possibilidades de acessibilidades com consequências no âmbito social. Estas consequências sociais são notórias nos dados levantados, seja pela entrevistas *in locu* ou pelos dados censitários, mostrados em tabelas abaixo.

O número de domicílios que interam o Bairro Coroa do Meio são 3.644, porém a amostra estudada, na elaboração das tabelas é de 3.614 domicílios, totalizando 99,18% do total do bairro.

Tabela 23: Quantidade de Residentes no Domicílio

QUANTIDADE DE RESIDENTES NO DOMICÍLIO	NA	%
Apenas um	333	9,21
Dois	566	15,66
Três	726	20,09
Quatro	814	22,52
Cinco	593	16,41
Seis	279	7,72
Sete	156	4,32
Oito	66	1,83
Nove	37	1,02
Dez ou mai de Dez	44	1,22
Total	3614	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 2000, e entrevista realizada *in locu* em 2008

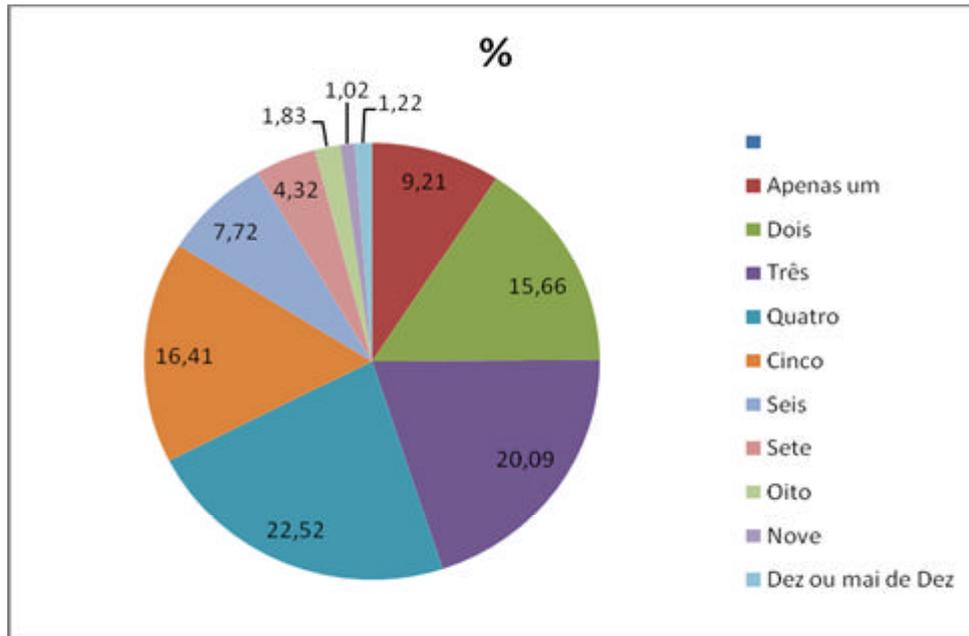


Gráfico 23: Quantidade de Residentes no Domicílio

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 2000, e entrevista realizada *in locu* em 2008

Na tabela e Gráfico 23, acima, notamos um fato que a primeira vista, é atípico, a quantidade de habitantes por moradia diminuiu. Mas quando analisamos mais profundamente, percebemos que após o cadastramento social e a construção das unidades residenciais, muitas famílias que antes dividiam o mesmo espaço, passaram a viver separadamente.

Porém com a distribuição real das famílias houve um aumento no número de nascimentos no bairro, por meio da estabilidade que as famílias passaram a possuir, mediante a garantia de uma casa com toda infra-estrutura e higiene, além da relação de intimidade que se criou entre os entes familiares, pois agora há paredes reais.

Este aumento também foi fortalecido pela vinda de novos moradores em busca deste “novo bairro”, que a cada dia é acrescido de infraestrutura urbana e equipamentos públicos sociais.

Já a tabela e Gráfico 24 demonstram uma melhor distribuição da renda entre seus moradores, mostrando um pequeno aumento na renda que foi modificada em função das transformações urbanas e dos vários programas sociais implantados. Diminuiu também a segregação sócio espacial do bairro.

Tabela 24: Nível de Renda

NÍVEL DE RENDA	NA	%
Responsáveis com rendimento mensal de até ½ S.M.	25	0,69
Responsáveis com rendimento mensal de mais de ½ a 1 S.M.	660	18,26
Responsáveis com rendimento mensal de mais de 1 a 2 S.M.	552	15,27
Responsáveis com rendimento mensal de mais de 2 a 3 S.M.	232	6,42
Responsáveis com rendimento mensal de mais de 3 a 5 S.M.	343	9,49
Responsáveis com rendimento mensal de mais de 5 a 10 S.M.	540	14,95
Responsáveis com rendimento mensal de mais de 10 a 15 S.M.	236	6,53
Responsáveis com rendimento mensal de mais de 15 a 20 S.M.	214	5,92
Responsáveis com rendimento mensal de mais de 20 S.M.	300	8,30
Responsáveis sem rendimento mensal	512	14,17
Total	3614	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 2000, e entrevista realizada *in locu* em 2008

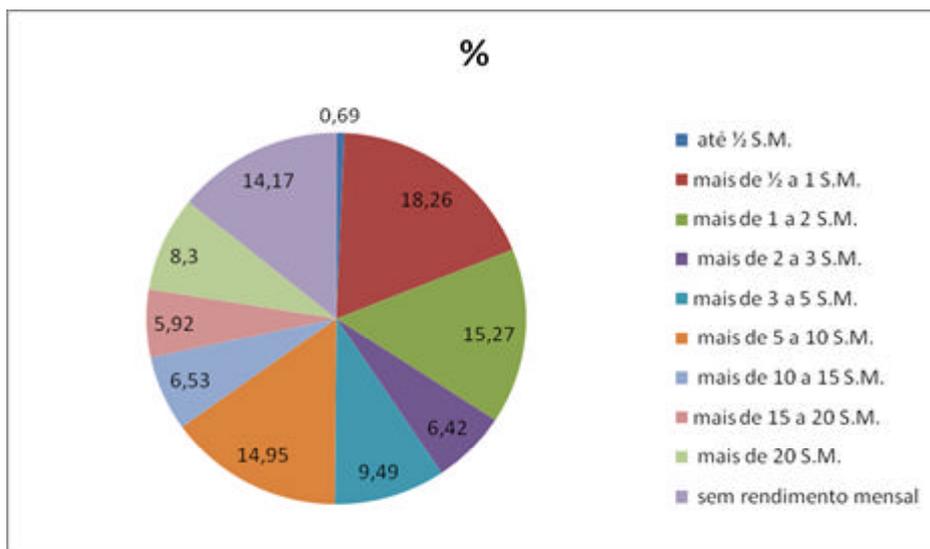


Gráfico 24: Nível de Renda

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 2000, e entrevista realizada *in locu* em 2008

Após análise e fazendo um comparativo deste gráfico de renda acima (gráfico 24) com o gráfico de renda antes das transformações urbanas (gráfico 12) repetido abaixo, notamos claramente que além do aumento da renda das famílias, notamos também uma distribuição muito mais igualitária desta renda, o que diminui a segregação socioespacial, existente no bairro, ao longo das últimas décadas.

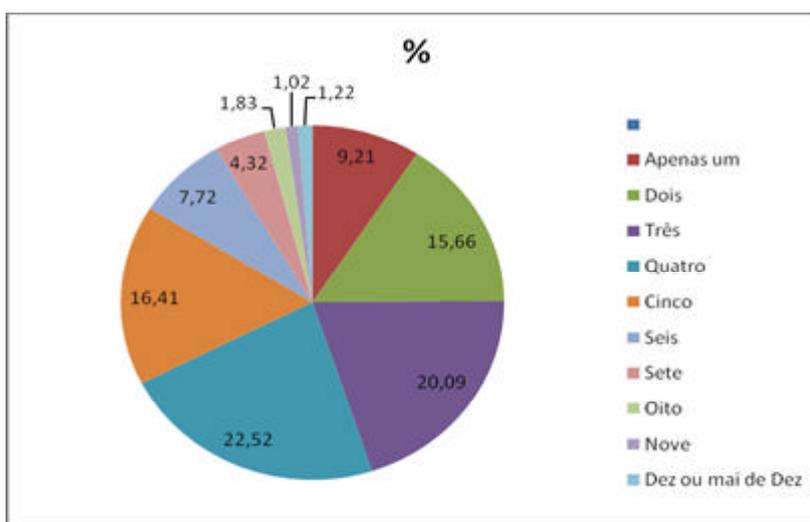


Gráfico 12: Distribuição das Famílias Segundo Classes de Renda

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1991 e amostragem realizada em 1996

Apesar das construções das novas 650 residências terem sido construídas todas com banheiros, e total infra-estrutura em seu entorno, por muitos anos o Brasil construiu seus imóveis sem essa preocupação sanitária, justificando a pequena porcentagem de 10% no número de residência ainda, existentes no bairro sem banheiros e nenhuma higiene mínima necessária. (Tabela e Gráfico 25)

Tabela 25: Situação dos Domicílios

SITUAÇÃO DOS DOMICÍLIOS	NA	%
Domicílios particulares com banheiro	3251	89,95
Domicílios sem banheiros	363	10,05
Total	3614	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 2000, e entrevista realizada *in locu* em 2008

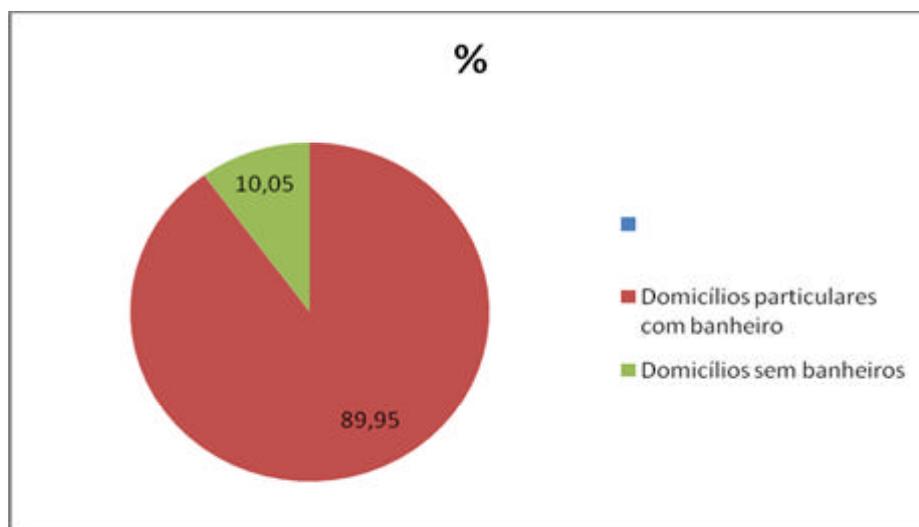


Gráfico 25: Situação dos Domicílios

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 2000, e entrevista realizada *in locu* em 2008

Na tabela e Gráfico 26 é revelada uma situação já conhecida no âmbito social, pelo aumento do número de pessoas do sexo masculino que permaneceram ou até retornaram para assumir a chefia do domicílio após a entrega da nova

residência, devido à regularização das casas serem feitas, preferencialmente, em nome das mulheres, buscando um aumento na estabilidade familiar.

Tabela 26: Responsáveis por Domicílios

RESPONSÁVEIS POR DOMICÍLIOS	NA	%
Domicílios particulares permanentes com homem responsável	2611	72,25
Domicílios particulares permanentes com mulher	1003	27,75
Total	3614	100,00

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 2000, e entrevista realizada *in locu* em 2008

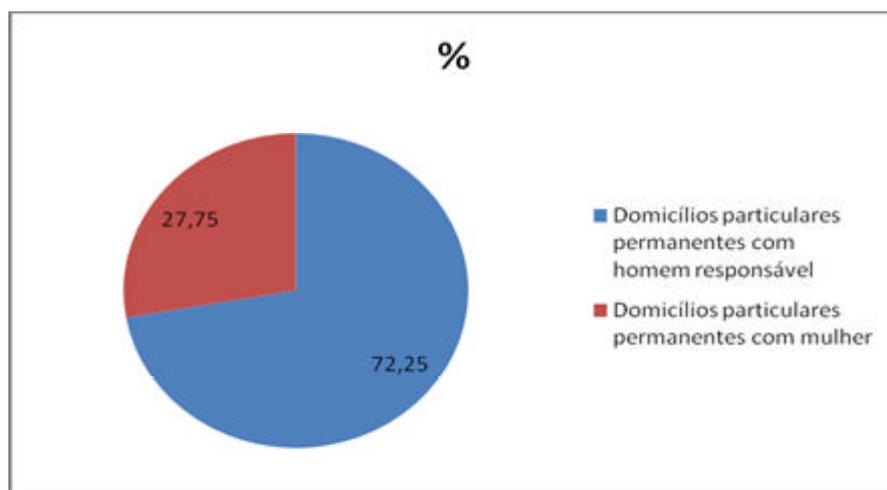


Gráfico 26: Responsáveis por Domicílios

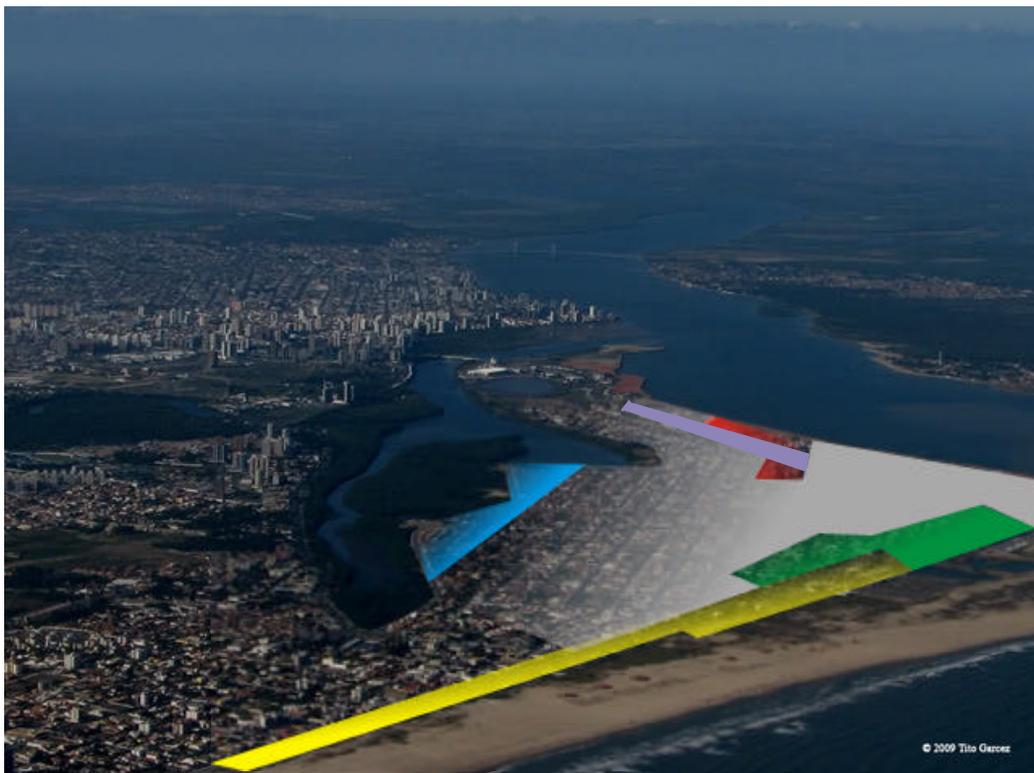
Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 2000, e entrevista realizada *in locu* em 2008

O quadro 27, abaixo, resume todas as intervenções urbanísticas realizadas pelo projeto de Transformação Urbana executadas no Bairro Coroa do Meio e apresenta os efeitos sociais esperados e os efeitos sociais conseguidos, por meio, de cada intervenção.

Quadro 27: Intervenções Urbanísticas

INTERVENÇÕES URBANÍSTICAS	EFEITO SOCIAL ESPERADO	EFEITO SOCIAL CONSEGUIDO
Ampliação da Av. Delmiro Gouveia de ligação sobre a ponte	Ampliação da inserção do bairro na cidade	Sim, as medidas de integração cresceram 80,36% em média
Abertura de uma nova via a Av. Perimetral de Ligação do bairro à cidade	Modificação da inserção do bairro na cidade	Sim, as medidas de integração cresceram 56,36% em média
Integração do eixo central com a valorização do comercio	Atração do comércio nas avenidas de integração	O comercio se instala nas avenidas mais integradas
Avenida delimita o Mangue	Garantir a existência do mangue	Sim, preservação do meio ambiente
Criação de novas ruas	Melhoria no espaço público	Sim, em vez de passarelas elevadas sobre o mangue, ruas
Drenagem e pavimentação destas novas ruas	Melhoria na qualidade de vida	Sim, em vez de esgoto a céu aberto, hoje ruas drenadas e pavimentadas
Construção de praças com quadra de esporte	Estimulo a prática de esporte e garantia de lazer	Sim, apropriação dos espaços pela comunidade
600 Novas habitações	Melhoria do espaço habitado	Sim, as pessoas registram a satisfação ante a qualidade do novo espaço doméstico
Implantação do processo de regularização fundiária das novas 600 residências	Garantir a permanência das famílias	Sim, estímulo à permanência das famílias no local
Construção e ampliação de creches	Melhoria na educação infantil e garantia de um local seguro para as crianças	Sim, garantia de educação e segurança dos filhos, enquanto seus pais trabalham
Construção de ciclovia nas principais Av. do bairro	Melhorar a mobilidade com um meio de transporte barato com segurança	Sim, facilidade e melhoria na integração dos moradores do bairro à cidade
Construção do Museu do Mangue	Preservação histórica e cultural e criação do fluxo de turistas ao local.	Não foi construído
Implantação do processo de regularização fundiária do restante das casas do bairro	Garantia da posse aos moradores residentes há vários anos no local	Não foi realizado

Além das intervenções urbanísticas discriminada, acima, notamos claramente na Figura 34, abaixo, uma nova paisagem do Bairro Coroa do Meio, na área limitada de azul, onde encontrávamos a “invasão do Bairro Coroa do Meio”, hoje temos 600 unidades residenciais, com total infraestrutura, além da área limitada pela cor lilás que surge como uma revitalização comercial do bairro gerada após ampliação da Av. Delmiro Gouveia, que se tornou uma avenida de grande integração do bairro, ultrapassando os limites locais e se incorporando a toda cidade de Aracaju.



LEGENDA

-  Área das 600 casas
-  Setor Hoteleiro
-  Setor Comercial
-  Setor Residência Multifamiliar
-  Setor Residencial
-  Setor de Crescimento comercial, após transformação urbana do bairro

Figura 34 – Imagem Satélite do Bairro Coroa do Meio – depois da Transformação Urbana

Fonte: Google, 2009

5.2. OS ATORES NO CONTEXTO DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS E SOCIAIS

Uma das principais características do processo de urbanização no Brasil ocorre mediante proliferação de processos informais de desenvolvimento urbano. Milhões de brasileiros só têm acesso ao solo urbano e à moradia pelos processos e mecanismos informais ou ilegais.

Estas ocupações irregulares referentes à apropriação territorial indébita são compostas por cinco componentes que refletem as condições e que a caracterizam em: status residencial inseguro; acesso inadequado à água potável; acesso inadequado a saneamento e infra-estrutura em geral; baixa qualidade estrutural dos domicílios; e adensamento excessivo.

Além de afetar diretamente os moradores dos assentamentos informais, a irregularidade produz um grande impacto negativo sobre as cidades, sobre a população urbana como um todo e sobre o meio ambiente.

Os assentamentos informais, e a conseqüente falta de segurança da posse, vulnerabilidade política e baixa qualidade para os ocupantes, resultam do padrão excludente de desenvolvimento, planejamento, legislação e gestão das áreas urbanas. Mercados de terra especulativos, sistemas políticos clientelistas e regimes jurídicos elitistas não têm oferecido condições suficientes e adequadas de acesso à terra urbana e à moradia para os menos favorecidos, provocando assim ocupações irregulares e inadequadas.

São muitas as formas de irregularidades: favelas, ocupações, loteamentos clandestinos e cortiços, que se configuram de maneiras distintas no país. Até mesmo loteamentos e conjuntos promovidos pelo Estado fazem parte desse vasto universo de irregularidade.

Como ocorre na maioria das favelas, no Bairro Coroa do Meio, os espaços também foram sendo tomados de forma espontânea, onde a paisagem era modificada dia a dia, e com isso as composições sociais eram modificadas, a partir do momento que chegava mais e mais vizinhos, onde mais e mais caminhos eram abertos para que se construíssem novas “moradias” entre o manguezal.

A imagem mostra a expansão das palafitas entre o mangue. Nota-se a continuidade das células construídas. As diferentes pessoas, nascidas e criadas em diferentes locais nesse momento passam a compor uma só unidade. Pois precisam se unir e passam a viver praticamente juntas, o interior da residência é utilizado apenas num momento da intimidade, todos os outros são vividas em áreas comuns, entre as tiras de madeira. (Figura 35)



Figura 35 – Imagem Satélite do Bairro Coroa do Meio

Fonte: Google, 2007

Os loteamentos irregulares, as ocupações informais e as favelas se assentam principalmente em áreas ambientais mais frágeis, protegidas por lei, e conseqüentemente desprezadas do mercado imobiliário formal. (Figura 36)



Figura 36 – Foto Aérea, delimitação do Bairro Coroa do Meio

Fonte: SEPLAN, 2000

Com isso, as necessidades de infraestrutura básica são esquecidas, assim também como são esquecidas as funções necessárias de uma residência, as relações de trabalho, etc., pois tudo passa a acontecer na mesma configuração espacial. Isso acaba modificando toda lógica de convívio social, que interfere diretamente no comportamento dos moradores. Eles passam a dormir durante o dia, para que à noite permaneçam acordados a vigiar suas residências, como já explicado. As casas apresentam pouca segurança, devido ao material usado na execução de suas residências, que na maioria das vezes são papelões e madeirite usadas.

Outro fator de extrema relevância é a integração da malha viária local a malha viária da cidade, que se revela bastante segregada. A primeira visualização da integração global do conjunto a Cidade indica as manchas de integração e segregação espacial de Aracaju. Por corresponder à acessibilidade geral do sistema, evidencia setores que, embora possam apresentar outros níveis de integração em análises locais, mostram-se efetivamente segregados. (Figura 37)



Figura 37 – Foto das “moradias” – onde o convívio segregado passa a ser natural

Fonte: SEPLAN; 2000

Mas esse fenômeno de segregação não ocorre apenas nas classes sociais desfavorecidas financeiramente, como nos lembra Souza³⁴, a segregação socioespacial se intensifica com a cidade moderna, pobres e ricos são separados em cidades “diferentes e justapostas”, representando uma violência contra os direitos humanos, que se ampliam quando verificadas no âmbito econômico a partir da “informalidade das ocupações habitacionais” e na exclusão urbanística de grande parcela da população, como por exemplo, direito à cidadania, infraestrutura, saneamento, moradia ...

Procedimentos analíticos e quantitativos serão usados para caracterizar os atributos morfológicos citados, de acordo com resultados de entrevistas, modelo em anexo, realizadas *In locu*, com a comunidade residente na “antiga invasão”.

As fotos e relatos, abaixo, mostram alguns deste atores que passaram pela transformação urbana e social de vida mediante a experiência da Transformação do Bairro Coroam do Meio.

³⁴ GORDILHO-SOUZA, Ângela. Limites do Habitar: Segregação e Exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e Perspectiva no Final do Século XX. Salvador:EDUFBA, 2000.

“Em 77, os filhos já estavam grandes, vim para Aracaju e comprei trinta metros de mangue na Coroa do Meio, por um cento e quinhentos, paguei de duas vezes. Desde esse tempo que já tem destruidor de mangue ali dentro. Quando a maré enchia tocava no varão da cama e a gente não podia dormir. Começamos nossa luta, me chamaram pra entrar na diretoria de uma associação, tinha muita gente de fora: alagoano, pernambucano, cearense e paraibano, até hoje, tem poucos sergipanos. Foi muito bom porque cresceu o bairro, mas, também tem muitas coisas que só suportamos porque todos somos gente. Minha avó dizia que a gente tratasse melhor, os piores, porque quem sabe tratar bem os piores tem tudo na mão, não é maltratado. Quando chegamos a vida da gente era pescar e tinham algumas palhoças no beicho da praia, uns barzinhos onde a gente trabalhava.”

(Josefa Vieira de Melo, moradora da Coroa do Meio).

Ângela Maria Souza Santos, de 22 anos, que desde os 12 anos morava em uma casa de palafita, não se cansa de admirar sua nova casa:

“Desde pequena morei nas palafitas. Me casei lá e comecei a criar meus filhos lá. Nunca antes tinha aparecido ninguém para nos ajudar”, disse dona Ângela. “Eu já tinha ouvido várias promessas, mas nada concreto. Antes, nas palafitas, era só sofrimento. Uma vez, meus filhos pisaram numa tábuia solta e caíram e se arranharam. Foi horrível”, lembra Ângela, “Eu estou achando esta casa maravilhosa. Aqui a gente tem mais segurança porque acabou a favela, a convivência ficou melhor. Aqui tem água, tem energia. Nunca pensei que teria isto em casa. É uma maravilha porque antes tínhamos que pegar água no chafariz e sair carregando os baldes. Sei agora que meus filhos terão um futuro melhor”;

Viviane Maria dos Santos:

Grávida de cinco meses reside com o esposo e o filho de três anos. Para ela, foi a realização de um sonho. “Eu achei maravilhoso. Foi uma felicidade imensa. Ela até demorou a acreditar. Passei oito anos morando em um barraco onde tudo era feito de tábuas. Não tinha banheiro, só à maré onde fazíamos tudo e precisávamos carregar baldes para termos água em casa”, relembra Viviane. “Agora vivo com dignidade porque aqui temos Posto de Saúde perto, tem Escola... Foi a realização de um sonho porque nós nunca íamos ter condições de comprar uma casa ou mesmo de pagar um aluguel. Esta casa tem quintal para o meu filho brincar, tem espaço na frente e, no futuro, quando tivermos condições, aumentaremos um pouco a casa”.

Para Eliete dos Santos:

A casa que recebi do Projeto representa muito mais que um teto. “Esta casa é o meu sonho. É a primeira vez em 33 anos que eu tenho um lugar porque durante toda a minha vida morei de favor”, conta Eliete, que se emociona ao lembrar das dificuldades pelas quais passou. “Eu morava em um barraco de 4 m², nos fundos da casa de minha sogra junto com meus dois filhos e meu esposo, um local sem ventilação, e fiquei desesperada quando soube que meu filho tinha ficado com hepatite por causa da umidade do barraco”, revela.

1) Morador (a): Ana Cristina Batista Rodrigues



Figura 38 – Foto da beneficiada Ana



Figura 39 – Foto da nova residência de Ana

2) Morador (a): Luzia Emília da Silva



Figura 40 – Foto da beneficiada Luzia



Figura 41 – Foto da nova residência de Luzia

tem malandro, mas não é assim: tem muita gente boa. Agora eu tenho endereço.... posso levar qualquer pessoa na minha casa.....

..... a gente caía na lama e todo dia para sair tinha que pisar na lama. As pernas da gente são tudo marcadas das feridas das quedas nos paus. Agora moro no seco. Tá uma beleza.....

.....hoje eu tenho a casa que eu pedi a Deus. Antes tinha medo de deixar minha filha sozinha, com medo dos maloqueiros. Eu rezei pedi e Ele me deu bem do jeitinho que eu queria. Choro, rezo e agradeço a Deus todo dia.....

.....um dia eu tava grávida com 9 meses e tava tomando banho e meu filho de quatro anos caiu na maré, sair do meu barraco e pulei na maré, peguei ele, que já tinha bebido aquela água suja. Foi uma agonia.... depois fui logo pra a maternidade.....

.....quando chovia era uma tristeza.... o vento arrancava as telhas e o barraco se balançava todo.... Agora pode chover que minha casinha agüenta.... agradeço primeiramente a Deus e depois ao prefeito que peitou essa obra...

.....Era muito sofrimento.... criei meus filhos lá nas palafitas....mas graças a Deus conseguir minha casa. Quem vive no mangue é caranguejo....”

Maria Helena Santos

Os dados censitários, as entrevistas e os depoimentos dos moradores do Bairro Coroa do Meio, os mapas axiais, acima, revelam uma grande melhora na qualidade de habitabilidade das famílias. Além da qualidade de vida que é representada pela melhoria de saneamento básico, drenagem e pavimentação de ruas, como também na criação de áreas de lazer.

Além disso, as famílias também passaram a viver em residência de alvenaria, com segurança, dignidade e higiene, como também suas limitações no contexto da individualidade foram superadas mediante a localização de suas residências estarem inseridas num lote de 144 m², separadas de seus vizinhos por muros que limitam o terreno de cada um.

Baseado nestas ações e transformações ocorridas no bairro, o Projeto UAS Coroa do Meio recebeu um prêmio da ONU, mediante resgate da cidadania de

muitas famílias que habitavam aquela área em condições totalmente subhumanas. (Figura 44 e 45)



Figura 44 – Premiação ODM 2005

Fonte: SEPLAN, 2005



Figura 45 – Prefeito recebendo a Premiação ODM 2005

Fonte: SEPLAN, 2005

O projeto de reurbanização e preservação ambiental para resgatar a cidadania de milhares de pessoas no Bairro Coroa do Meio foi premiado, em Brasília, com o troféu **Objetivos de Desenvolvimento do Milênio Brasil** (ODM Brasil). A premiação foi recebida pelo então prefeito, da época, Marcelo Déda, reconhecendo o trabalho da Prefeitura Municipal de Aracaju como fundamental para ajudar o Brasil a atingir até o ano de 2015 dois dos oito objetivos do

milênio estabelecidos em 2000 por 189 países durante a Cúpula do Milênio das Nações Unidas: acabar com a fome e a miséria, aumentar a qualidade de vida e o respeito ao meio ambiente. O projeto da Coroa do Meio foi executado em parceria com o programa Habitar Brasil BID. O troféu do prêmio ODM Brasil 2005, foi concedido pelo Governo Federal, através das Organizações das Nações Unidas (ONU) à Prefeitura Municipal de Aracaju.

Isto reflete como as transformações urbanas ocorridas numa cidade ou região específica interferem diretamente no contexto social da vida de cada um de seus moradores. Como nos lembra Holanda³⁵, a arquitetura é “determinada socialmente”, pois há expectativas a satisfazer, que podem ser conscientes ou inconscientes, verbalizadas num discurso explícito (ou não), sincero ou intencionalmente mistificador por razões quaisquer: políticas, ideológicas, econômicas.

³⁵ HOLANDA, Frederico de (org.). *Arquitetura & Urbanidade*. São Paulo: Proeditores Associados Ltda., 2003. P.37.

CONSIDERAÇÕES

FINAIS

A interpretação da forma-espaco das cidades por meio da Sintaxe Espacial é reveladora quanto às questões de acessibilidade. São fatores como desenhos da malha viária, dimensão do assentamento, feições geográficas de implantação do sítio e processos históricos de ocupação e expansão da mancha urbana que definem o *status* atual quanto à permeabilidade urbana.

A dissertação foi baseada na Teoria da Sintaxe Espacial, em especial quanto à técnica de axialidade. E para completar a pesquisa de estudo de caso do Bairro Coroa do Meio, busquei informações por meio de dados censitários e levantamentos *in locu*.

É herança direta do pensamento sistêmico e da visão de que quando se comenta relações, estar se construindo distinções entre elementos dadas por meio de padrões e hierarquias. A abordagem foi então apresentada quanto aos seus aspectos teóricos, metodológicos (englobando os passos da pesquisa: mapa axial, correlação e categorias analíticas) e ferramentais (mapas axiais).

Observa-se ainda, nos aspectos teóricos, que a análise urbana necessita de abordagens que vão além de técnicas de zoneamento, informações sociais são necessárias na complementação desta análise.

O âmbito relacional implicado na sintaxe mostrou-se útil para estudos urbanos por revelar aspectos decisivos para as concentrações e dispersões nas cidades, esclarecendo feições de segregação e integração espacial, com atributos quantitativos não fornecidos por outra teoria, método ou ferramenta.

Esta dissertação procurou, justamente, relacionar as transformações urbanas e espaciais com as consequentes transformações sociais, mediante valores objetivos e quantificáveis no intuito de uma análise urbana mais completa. Foi por meio de mapa axial que obtivemos estes dados.

E, a partir das relações entre estes três aspectos (espacial, social e econômico), o conhecimento mais aprofundado da sociedade aracajuana foi alcançado, desde sua origem, até os dias atuais, conformando, assim o objetivo de realizar a análise sintático-espacial das transformações urbanas de Aracaju, principalmente a ocorrida no Bairro Coroa do Meio.

Aracaju, expressa a cultura espacial da época do seu surgimento, mediante grau de organização geométrica, com ângulos basicamente retos e uma maioria de linhas curtas.

A fragmentação e a ideia da formação de conjuntos urbanos que reforça o conceito de cidade fragmentada, é ainda mais reforçada na análise do seu mapa axial, onde se pode verificar a atuação da política governamental como o maior agente especulador. As áreas que se destacam como as mais segregadas foram, na sua maioria, implantadas pelo poder governamental. Como exemplo e prova dessa política e de sua ausência de acessibilidade, destacamos o Bairro Coroa do Meio.

Por muitos anos a estruturação socioespacial do bairro foi caracterizada pela segregação e exclusão social, não somente em termos de acessibilidade dificultada, movimentações topográficas, mas em termos de mobilidade de vida. Um bairro e uma cidade onde o pobre e o rico têm os “seus” lugares demarcados.

Podemos afirmar que este fato se justifica mediante a estrutura urbana antes existente no bairro, o que não permitia uma boa relação entre os espaços e a sociedade.

Estas relações entre espaço e sociedade é o principal tema da Teoria da Sintaxe Espacial. Esta dissertação não teve por objetivo ampliar o escopo da teoria, mas fazer um singelo estudo de caso de um bairro – O Coroa do Meio.

Afinal de contas, a partir de mudanças, as famílias criam identidades relacionais ou não com o novo contexto urbano. Neste caso, a Prefeitura Municipal de Aracaju, teve a preocupação, desde o início dos seus trabalhos, por meio da participação da comunidade na interferência do projeto urbano, nos projetos sociais, e na recuperação da auto-estima de cada cidadão, que a partir daquela transformação iriam se integrar num novo contexto social chamado “cidade legal”.

Assim, o projeto de urbanização de Assentamento Subnormal da Coroa do Meio foi considerado um marco na política municipal de Aracaju, na medida em que se incorporou no mesmo processo construtivo, desde o planejamento à execução do projeto à participação direta dos agentes locais.

Merece destaque ainda, o fato de que essa mesma hierarquia proporcionou uma capacidade de trabalho associativo, um potencial de integração altamente produtivo, pois seus moradores passaram a se sentir parte do todo. Isto pode ser verificado nos dados censitários analisados, onde padrões urbanos socioespaciais foram determinantes no aumento e numa melhor distribuição dos níveis de renda da população residente no bairro, diminuindo sensivelmente a segregação criada por “guetos urbanos” isolados pela renda.

Após a execução das novas construções residenciais, a população passou a se inserir num contexto de cidade, por meio da identificação com o local e a garantia de um endereço fixo, com total infra-estrutura básica, além do aumento da acessibilidade e do direito de ir e vir no espaço urbano da cidade.

Outro fator de extrema relevância neste contexto de transformações urbanas e sociais foi à permanência das famílias no mesmo bairro, garantindo suas características configuracionais e a proximidade com seus amigos, vizinhos, empregos e todo ciclo social já adquirido, por cada habitante.

O Projeto do Bairro Coroa do Meio só reafirma tudo que foi já dito nesta dissertação, e é um exemplo de caso, que demonstra como as relações morfológicas interferem diretamente no modo de convívio social das pessoas. Como nos lembra Holanda³⁶, a possibilidade de bem absorver transformações com o tempo, sem custos elevados, é característica positiva de projeto urbano. O Projeto do Bairro Coroa do Meio, acreditamos, encontra-se nessa categoria. Na escala do espaço doméstico e na escala urbana maior, o projeto permitiu fáceis transformações. E tornam-se emocionantes lições de *saber fazer* cidade e arquitetura populares, cuja lógica relatamos.

Mas as pesquisas não devem parar por aqui, ainda podemos seguir um longo caminho pela frente, afinal, percebemos que nem todos os trabalhos previstos no projeto foram realizados, a exemplo da regularização fundiária do bairro, não executada a princípio por questões políticas. São temas que ficam a outros

³⁶ HOLANDA, Frederico de (org.). *Arquitetura & Urbanidade*. São Paulo: Proeditores Associados Ltda., 2003. P.113.

estudantes e pesquisadores que se identifiquem com essas relações socioespaciais.

“Nenhuma ordem social é baseada em verdades inatas, uma mudança no ambiente resulta numa mudança no comportamento.”

Antropóloga Marvin Harris

O Bairro Coroa do Meio é apenas um exemplo de Projeto Urbanístico que resultou em mudanças de ordem social.

REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, José Robert de Lima. Aracaju: 150 Anos de Vida Urbana. Aracaju:PMA/SEPLAN, 2005. p.141

CABRAL, Mário. Roteiro de Aracaju. 3ª Edição. Aracaju - Banese. 2001

CENSO DEMOGRÁFICO 1996. Sergipe: IBGE, 1996.

CENSO DEMOGRÁFICO 2000. Sergipe:IBGE, 2000.

GATTI, Bernadete; Avaliação De Projetos Sociais; documento mimeo.; 2004.

GORDILHO-SOUZA, Ângela. Limites do Habitar: Segregação e Exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e Perspectiva no Final do Século XX. Salvador:EDUFBA, 2000.

GOPPOLD, Andreas. A morphology of cultural patterns. Disponível em: <<http://www.uniulm.de/uni/intgruppen/memosys/desn17.htm#Heading64> >. Acesso em: 07 set. 2005. Apud Medeiros. Valério A.S. de. 2006

HILLIER, Bill e Hanson, Juliene. Space after modernism, 1982. Xerox.

HILLIER, B. e Hanson, J. (1984) The Social Logic Of Space. Cambridge University Press, Cambridge.

HILLIER, Bill; Netto, Vinicius. Society seen through the prism of Space. In: Proceedings III Space Syntax Symposium, Atlanta, 2001. P.13.1-13.2.

HILLIER, Bill; Hanson, Julienne. The Social Logic of Space. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HILLIER, Bill. Space is the Machine. Cambridge University Press, 1996.

HILLIER E HANSON. Apud HOLANDA, 2002. op. Cit. P. 99.

HILLIER, Bill. Between social physics and phenomenology: explorations towards an urban synthesis. *In*: 5th International Space Syntax Symposium, 2005, Delft - Holanda. Proceedings... Delft: Section of Urban Renewal and Management / Faculty of Architecture / TU Delft, 2005, v. 1, p. 3-23.

HOLANDA, Frederico. Pegadas de Classe na Paisagem. In. Brasília. 2000

HOLANDA, Frederico de. O Espaço de Exceção. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002

HOLANDA, Frederico de (org.). *Arquitetura & Urbanidade*. São Paulo: Proeditores Associados Ltda., 2003. P.13.

HOLANDA, Frederico de; Kohlsdorf, Maria Elaine; Kohlsdorf, Gunter. Brasília: da Carta de Atenas à Cidade de Muros. In

Holanda, Frederico de; Costa, Juscelino K. B. da. "Urbanidade MA NOM TROPPO." In.

HOLANDA, Frederico de. Teoria do conhecimento e dos espaços construídos. 2007. Notas de aula. (UnB).

KRAFTA, Rômulo. A Study of Intra-Urban configurational Development in Porto Alegre. Cambridge: University of Cambridge, 1991. Tese de Doutorado.

KOHLSDORF, Gunter. Sobre a ciência de desenhar cidades e a arte de construí-las: algumas considerações taxionômicas e metodológicas, aplicadas exemplarmente ao Setor Comercial Sul de Brasília, 1995. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Brasília.

KOHLSDORF, Maria Elaine. A apreensão da forma da cidade. Brasília: ed. Universidade de Brasília, 1996.

KOHLSDORF, Maria Elaine. Sobre a Identidade dos Lugares. Brasília. Fev. 1999.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. Tradução de T.C. Neto. São Paulo: Documento, 1968.

LOUREIRO, Kátia A. S. A trajetória Urbana de Aracaju, em tempo de interferir. Aracaju: Instituto de Economia e Pesquisas-INEP, 1983

MARQUES, Sonia & Cláudia Loureiro. (1998) "A moradia econômica: bonitinha, ordinária e barata", in V

MEDEIROS, Lucas Figueiredo de. Linhas de continuidade no sistema axial. Recife: 2004. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Urbano e Regional. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. P. i-ii. (não publicado).

MEDEIROS, Valério Augusto Soares de. Urbis Brasiliae ou Sobre Cidades do Brasil. Tese de Doutorado, Orientador: Dr. Frederico Borges de Holanda, Universidade de Brasília PPg FAU/Novembro, 2006.

NOGUEIRA, Adriana Dantas. Patrimônio Arquitetônico e História Urbana: Ensaio sobre o Patrimônio Arquitetônico de Sergipe e sobre a estrutura sócioespacial de Aracaju. Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.

NOGUEIRA, Adriana Dantas. Artigo: Abordagem Sintático Espacial das Transformações Urbanas de Aracaju de 1995 a 2003. Aracaju: 150 Anos de Vida Urbana. Org. Falcón. Maria Lúcia de Oliveira; França. Vera Lúcia Alves. PMA/SEPLAN, 2005.

PRETECEILLE, Edmond. Cidades Globais e Segmentação Social. In RIBEIRO, Luís César Queiroz e SANTOS Jr., Orlando Alves dos. Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana: O Futuro das Cidades Brasileiras na Crise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. P. 65-89

ROLNIK, Raquel. O que é a Cidade. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SEPLAN, Plano Estratégico Municipal para Assentamentos Subnormais – PEMAS, Abril/2001

SEPLAN – Secretária Municipal de Planejamento. “Avaliação Social do Bairro Coroa do Meio. (2004)

SILVIANO, Cornélio (1984) Projeto Cura: Um exemplo de Intervenção do Estado nas Transformações do Espaço Urbano. Dissertação de Mestrado em Geografia, São Paulo, FFCL/USP.

TOKATJIAN, Catarina Furtado de Mendonça. Da Croa à Coroa do Meio: Formação de um espaço urbano, Aracaju: Universidade Tiradentes, 2000. (Trabalho Final de Graduação. Orientação Profa Dra. Adriana Dantas Nogueira.

VILLAÇA, Flávio. Espaço Intra-Urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp: Lincoln Institute, 1998.

VASCONCELOS, Rodrigo Botelho de H. A Sintaxe Espacial como Instrumento de Análise da Dualidade Mórfica de Palmas. Universidade de Brasília, 2006. Orientador: Prof. Dr. Frederico de Holanda.

SITE:

<http://www.unb.br/fau/dimpu>.

<http://www.aracaju.se.gov.br>.

ANEXOS

ANEXOS 1

ENTREVISTA AOS MORADORES DO BAIRRO COROA DO MEIO

1. Identificação

Nome: _____

Data de Nasc: _____

Endereço: _____, N° _____

Formação: _____

Estado civil

- 1 - Solteiro(a)
- 2 - Casado(a)
- 3 - Divorciado(a)
- 4 - Separado(a)
- 5 - Viúvo(a)

Grau de instrução

- 1 - Analfabeto
- 2 - Até 4ª série incompleta do ensino fundamental
- 3 - Com 4ª série completa do ensino fundamental
- 4 - De 5ª a 8ª série incompleta do ensino fundamental
- 7 - Ensino médio completo
- 8 - Superior incompleto
- 9 - Superior completo

Situação no mercado de trabalho

- 1 - Empregador
- 2 - Assalariado com carteira de trabalho
- 3 - Assalariado sem carteira de trabalho
- 4 - Autônomo com previdência social
- 5 - Autônomo sem previdência social
- 6 - Aposentado
- 7 - Trabalhador rural
- 8 - Empregador rural
- 9 - Não trabalha
- 10 - Outra

Renda

- 1 - Menos de 1 S.M.
- 2 - Até 1 S.M.
- 3 - De 2 a 3 S.M.
- 4 - De 3 a 4 S.M.
- 5 - De 5 a 6 S.M.
- 6 - Mais de 6 S.M.

Características do domicílio

1 - Situação:

- 1 - Próprio
- 2 - Alugado
- 3 - Arrendado
- 4 - Cedido
- 5 - Invasão
- 6 - Financiada
- 7 - Outra

2 - Tipo:

- 1 - Casa
- 2 - Apartamento
- 3 - Cômodos

- 4 - Outro
- 3 - Taipa revestida 7 - Outro
- 4 - Taipa não revestida
- 5 - Madeira
- 6 - Material aproveitado
- 3 - Tipo de construção:**
- 1 - Tijolo/Alvenaria
- 2 - Adobe
- 4 - Número de cômodos:**
- 5 - Tipo de abastecimento de água:**
- 1 - Rede pública
- 2 - Poço/Nascente
- 3 - Carro pipa
- 4 - Outro
- 4 - Tratamento de água**
- 1 - Filtração
- 2 - Fervura
- 3 - Cloração
- 4 - Sem tratamento
- 5 - Outro
- 5 - Tipo de iluminação**
- 1 - Relógio próprio
- 2 - Sem relógio
- 3 - Relógio comunitário
- 6 - escoamento sanitário**
- 1 - Rede pública
- 2 - Fossa rudimentar
- 3 - Fossa séptica
- 4 - Vala
- 5 - Céu aberto
- 6 - Outro
- 7 - Destino do lixo no domicílio**
- 1 - Coletado
- 2 - Queimado
- 3 - Enterrado
- 4 - Céu aberto
- 5 - Outro

